

# II CONCURSO LITERÁRIO “MARIA FIRMINA DOS REIS”

ANTOLOGIA DE TEXTOS  
PREMIADOS

*Poemas - Contos - Crônicas*



**II CONCURSO LITERÁRIO  
“MARIA FIRMINA DOS REIS”**

**ANTOLOGIA DE TEXTOS PREMIADOS  
POEMAS – CONTOS - CRÔNICAS**

São Luís  
2022

Copyright © 2022 by Escola Superior da Magistratura do Estado do Maranhão

**PODER JUDICIÁRIO**  
**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO MARANHÃO**

Presidente

**Desembargador Paulo Sérgio Velten Pereira**

Vice-Presidente

**Desembargador Ricardo Tadeu Bugarin Duailibe**

Corregedor Geral de Justiça

**Desembargador José de Ribamar Froz Sobrinho**

**EQUIPE TÉCNICA - CEMULHER/TJMA**

Presidente da Coordenadoria

**Desembargador Cleones Carvalho Cunha**

Juíza Assessora

**Lidiane Melo de Sousa**

Juiz Assessor

**Júlio César Lima Praseres**

Coordenador Administrativo

**Arthur Darub Alves**

Assistentes Executivas

**Danyelle Bitencourt Athayde Ribeiro**  
**Andréa Roberta Azevedo Duarte Nunes**

Analista Judiciária - Assistente Social

**Josemary Andrade de Almeida**

Analistas Judiciárias - Psicólogas

**Ericka Janne Silva Nascimento**  
**Edla Maria Batista Ferreira**

Analista Judiciária - Direito

**Amanda Dourado Rolim Sampaio**

Técnico Judiciário

**Francisco Júlio Gomes**

Assistente de Informação

**Vitoria Azevedo de Barros Sousa**

Assessor Especial de Conciliação

**Plynio Monteles Silva**

**Estagiários**

Thales Soares Pinheiro  
Vanessa de Fátima de Souza Pereira  
Geysse Kelle Rocha Galvão

**COMISSÃO JULGADORA**  
**II Concurso Literário “Maria Firmina dos Reis”**

Desembargador  
**Cleones Carvalho Cunha**

Juíza de Direito  
**Lidiane Melo de Sousa**

Juiz de Direito  
**Júlio César Lima Praseres**

Membro da Academia Ludovicense de Letras - ALL  
**Dilercy Aragão Adler**

**Revisão ortográfica**  
Adeilson de Abreu Marques  
Analista Judiciário – Licenciado em Letras

**Assessoria Editorial**  
Joseane Cantanhede dos Santos CRB 13/493  
Manoelle Moraes dos Santos CRB 13/921

**Designer e Diagramação**  
Carlos Eduardo Sales Alves  
Assessoria de Comunicação do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão (TJMA)

**Capa**  
Remy Cutrim  
Assessoria de Comunicação do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão (TJMA)  
As publicações **Edições Esmam** estão disponíveis para download gratuito no formato PDF.

---

C744II

II Concurso Literário Maria Firmina dos Reis – Antologia de textos premiados : poemas, contos e crônicas [recurso eletrônico] / Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Maranhão. - São Luís : ESMAM, 2022.

[95] p. ; PDF

Vários Autores.

Disponível em : <https://www.tjma.jus.br/bibliotecas/esmam/obras/303>  
e - ISBN 978 - 85-60757 - 22 - 0

1. Literatura brasileira. 2. Antologia. 3. Poesia . 4. Conto. 5. Crônica. I. Título.

CDD B869.1  
CDU 821.134.3(81)

---

Elaborada pela Bibliotecária Jakelina Maria das Dores Portugal Fonsêca CRB13/519

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos,  
desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS



# Homenageada

O Concurso Literário “**Maria Firmina dos Reis**” foi denominado em homenagem à escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra do Brasil. Maria Firmina também foi professora, musicista e a criadora da primeira escola mista brasileira.

Nascida em São Luís/MA, em 11 de março de 1822 – data que hoje é considerada o Dia da Mulher Maranhense em sua homenagem -, a escritora é autora da obra “Úrsula” (1859), primeiro romance publicado por uma mulher negra em toda a América Latina e primeiro romance abolicionista de autoria feminina da língua portuguesa. Também é autora de “Gupeva” (1861) e “A escrava” (1887), entre outras obras.



## “**Maria Firmina**”

Ilustração do Designer maranhense Wal Paixão, resultado de uma pesquisa sobre as características físicas de Maria Firmina dos Reis. O direito de uso da imagem foi cedido ao Poder Judiciário Maranhense.

*E a liberdade, - oh! poeta, - canta,  
Que fora o mundo a continuar nas trevas?  
Sem ela as letras não teriam vida,  
Menos seriam que no chão as relvas:  
Toma por timbre liberdade, e glória,  
Teu nome um dia viverá na história.*

**MARIA FIRMINA DOS REIS**

# APRESENTAÇÃO

Os textos reunidos em antologia neste Livro consagrado à Maria Firmina dos Reis, resultantes do II concurso literário promovido pelo Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão, propõem uma reflexão contextualizada na modernidade sobre a história de vida e trajetória dessa que é a primeira romancista negra do Brasil.

A homenageada, ludovicense nascida aos 11 de março de 1822, é autora de notáveis títulos como “*Úrsula*” (1859), primeiro romance publicado por uma mulher negra na América Latina e primeiro romance abolicionista de autoria feminina de toda língua portuguesa, bem como de “*Gupeva*” (1861) e “*A escrava*” (1887), trabalhos dedicados à incansável causa libertadora.

Nesta edição, poetisas, artistas e pensadores das mais variadas origens e diversidades, nos convidam a celebrar a importante herança literária das obras deixadas pela Abolicionista, sem descuidar da sua memória de luta por igualdade racial e justiça.

A partir do presente espaço de representatividade, o leitor conhecerá 18 das melhores obras que a literatura maranhense atual tem a oferecer. Agrupados nas categorias “*jovem autor*” e “*autor adulto*”, o Livro traz consigo escritos premiados nas classes poemas, contos e crônicas, que retratam a vida de muitas Marias, Anas e Reginas, todas mães, filhas e mulheres, cuja força nos brinda de importante exemplo de perseverança.

É pautado nesse espírito que o ideal libertador há mais de um século bradado por Maria Firmina ecoa não somente por meio da história, mas por via das letras, que tomadas de tão iluminado timbre, hoje, cantam e vivem a liberdade em glória.

**Desembargador Paulo Sérgio Velten Pereira  
Presidente do Tribunal de Justiça**

# PREFÁCIO

Pelo segundo ano consecutivo, o Tribunal de Justiça do Maranhão, por meio da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar, promove o Concurso Literário Maria Firmina dos Reis. Ao dar o nome da primeira romancista brasileira ao concurso, o Tribunal de Justiça contribui de maneira valiosa para retirar a escritora maranhense do esquecimento a que ficou relegada por mais de cem anos.

Professora concursada, romancista, poeta, contista, cronista, musicista e ativista da cultura popular, Maria Firmina dos Reis, filha da ex-escrava Leonor, rompeu barreiras impostas pela sociedade da época, que destinava, à mulher, unicamente, as atividades restritas ao espaço doméstico. Movida por uma força destemida e empreendedora, Maria Firmina publica romance, contos e poemas em pleno período da escravidão.

Hoje, a publicação de cerca de sessenta teses e dissertações sobre sua vida e obra é um reconhecimento social do protagonismo da escritora maranhense que, de forma pioneira, inaugurou a narrativa do negro africano escravizado na literatura brasileira, introduzindo o seu próprio discurso. No romance *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis quebra os estereótipos e a narrativa da subalternidade, ditados pela sociedade escravista.

Esta antologia de textos premiados, publicados por iniciativa do Des. Cleones Cunha, devotado magistrado ao trabalho sustentado pela Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar, do Tribunal de Justiça do Maranhão, homenageia e resgata a memória do impacto da vida e obra de Maria Firmina dos Reis, que protagonizou pioneirismos, tanto como professora quanto escritora. Relembrar e reverberar os caminhos da primeira romancista brasileira é também valorizar e acolher os caminhos das mulheres nos dias de hoje.

Em sua trajetória disruptiva, a romancista Maria Firmina dos Reis trilhou caminhos nunca antes percorridos e alcançou lugares inesperados para a sua época. Os desafios por ela vivenciados foram ganhando outros contornos e funcionando com novas dinâmicas. Se o foco da luta, antes da Abolição, era contra a escravização, após a Lei de 13 de maio de 1888, a luta passa a ser por direitos básicos, pois era necessária a construção de novas estratégias de acesso a espaços historicamente negados.

Vê-se, portanto, a importância de iniciativas como o Concurso Literário Maria Firmina dos Reis, que fomenta a expansão do diálogo sobre o papel e o lugar social das mulheres – uma conversa silenciada por tempo demais.

Aos que participaram do concurso, os nossos cumprimentos. Aos premiados, os nossos efusivos parabéns. A toda a equipe da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar, os nossos agradecimentos por tão louvável iniciativa. Que seja semente inspiradora para muitas outras similares.

**Agenor Gomes**, juiz de Direito no Maranhão. **Autor de Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil.**

# SUMÁRIO

<b>AUTORAS(ES) <i>adolescentes</i></b> .....	13
----------------------------------------------	----

## POEMAS

### 1º lugar

#### **Marias**

<i>Vivian Kauane Chagas Botelho</i> .....	15
-------------------------------------------	----

### 2º lugar

#### **Estela**

<i>Yan Victor Silva Machado</i> .....	17
---------------------------------------	----

### 3º lugar

#### **Crisântemos**

<i>Sophia Andrade de Souza</i> .....	19
--------------------------------------	----

## CONTOS

### 1º lugar

#### **Flores**

<i>Yan Victor Silva Machado</i> .....	23
---------------------------------------	----

### 2º lugar

#### **Para além destes muros**

<i>Hellen Christi Nogueira Ferreira</i> .....	26
-----------------------------------------------	----

### 3º lugar

#### **O olhar**

<i>Estela Beatriz Amaya Saraiva</i> .....	29
-------------------------------------------	----

## CRÔNICAS

### 1º lugar

#### **Um passo para a liberdade**

<i>Adrian Kaike Oliveira Araújo</i> .....	31
-------------------------------------------	----

### 2º lugar

#### **Minha independência**

<i>Evelyn Eduarda dos Santos Bezerra</i> .....	34
------------------------------------------------	----

### 3º lugar

#### **Flores para Regina**

<i>Maylla Mayza Louzeiro Costa</i> .....	37
------------------------------------------	----

## **AUTORAS(ES) adultos**.....40

### **POEMAS**

#### **1º lugar**

**Vida Ferida** *Pedro Oliveira Dutra Neto* .....42

#### **2º lugar**

**Cenas do Silêncio** *Adriana Beserra Silva* .....45

#### **3º lugar**

**Amor?** *Ana Cimália dos Santos Dias* .....47

### **CONTOS**

#### **1º lugar**

#### **Camisola de Algodão**

*Verônica Alves Malheiros Dias* ..... 50

#### **2º lugar**

#### **Era uma vez Andreia**

*Andressa Fontinelle Lopes Rodrigues* .....56

#### **3º lugar**

#### **A vida prescrita de Das Dores**

*Wanda Cristina da Cunha e Silva* ..... 60

### **CRÔNICAS**

#### **1º lugar**

#### **Quando seremos uma sociedade civilizada**

*Jáder Cavalcante de Araújo* .....69

#### **2º lugar**

#### **Representações da Violência contra a Mulher na Literatura**

*Isaac Pereira Viana* .....73

#### **3º lugar**

#### **Dona Francisca**

*Bruno Antônio Barros Santos* .....77

### **SOBRE OS MEMBROS**

**DA COMISSÃO JULGADORA** .....92

**AUTORAS(ES)**  
*adolescentes*

**POEMAS**

**POEMAS**

1º LUGAR

# MARIAS

*Vivian Kauane Chagas Botelho*

Maria, menina.  
Maria mulher.  
Maria, Maria  
Dentre tantas Marias  
Maria nasci.

Maria das Dores, do Socorro e da Piedade.  
Maria do Remédio, da Santíssima Trindade.  
Maria da Penha, das Chagas, do Livramento, do Martírio e dos Milagres

Maria menina, do trevo de bem quer.  
Do príncipe encantado, dos suspiros de mulher.  
Dos felizes para sempre sonhados recorrentes no batentinho da  
porta da casinha de sapé.

Maria mulher, perdida dentro de mim.  
Com medo da escuridão, dos olhos de Carmesim.  
Preenchidas de vazios de gritos silenciosos, dos soluços abafados  
nas cobertas de cetim.

Quantas vezes tu Maria suspiraste de amor.  
Nos versinhos cheios de rimas que a vida te roubou.  
Nos versinhos de menina, tu nunca pensaste Maria que amor rima  
com dor.

O amor que te aprisiona, com abrações de espinhos.  
Um pertencer que te sufoca, o senhor do seu destino.  
Que te marca e te sangra e que dorme do seu lado sendo amor e  
inimigo.

Quem ama cuida Maria, foi isso que ouvir dizer.  
Mas os gritos dos meus versos, não são gritos de prazer.  
São gritos de uma Maria dentre tantas que hoje em dia suplica  
para não morrer.

As feridas tão expostas, escondem a alma de dor.  
Das Marias que vivi, não reconheço quem sou.  
Hoje chora tão sozinha e a quem diz que essa Maria leva pancadas  
de amor.

Maria das Dores, do Socorro e da Piedade.  
Maria do Remédio, da Santíssima Trindade.  
Maria da Penha, das Chagas, do Livramento, do Martírio e dos  
Milagres.

Sou a voz de tantas Marias que morreram e Deus as tenham.  
Luto para que um dia a justiça um dia venha.  
Vou me apresentar agora. Sou Maria da Vitoria, filha de Maria da  
Penha.

2º LUGAR

# ESTELA

*Yan Victor Silva Machado*

Ela brilhava  
E olhar não bastaria.  
Não, não para ti  
Que teima em enjaular  
Até o canto do bem-te-vi.

Ela dançava,  
E no seu próprio compasso,  
Colocava todos em órbita,  
Dominava o espaço.  
E você pensou  
“Ela precisa de um laço”.

Olhos fechados, braços abertos  
Caminhos incertos,  
Mas nunca com você.  
Quando se confia,  
É sempre alavantu  
E nunca anarriê.

Com abraços de paixão  
Ela te amava,  
Nunca ficava brava,  
Mesmo quando chorava,  
Mesmo quando quebrava,  
Ainda brilhava.

Mas você levou a sério  
O eufemismo das estrelas,

E a mandou brilhando  
Para o espaço sideral,  
Para outro plano astral  
A sete palmos do chão.

3º LUGAR

# “CRISÂNTEMOS”

*Sophia Andrade de Souza*

Antes era branca  
Agora só me vejo roxa  
Um dia fui criança  
E agora uma rosa frouxa

Mulheres são flores  
Flores desabrochando  
Homens machucam  
Lindos crisântemos

Meu silêncio paira frio sobre o mar  
Apenas pensando quando o sufoco acabará  
Para a minha liberdade reinar

Sair não posso  
Machucados tenho  
Impedida estou  
De denunciar o horrendo

Abusada estou  
Ele suga até minha alma  
A energia que me falta  
Ele descarrega em cachaça

Amigos não tenho  
Controlada estou  
Esse diabo lesivo  
Controla até meu sorriso

No espelho me olho  
E imagino unicórnios  
Saltitantes estão  
Na minha imensa solidão

Meu espelho reflete  
O que minha mente esquece  
Sou uma mulher inteligente  
Em um mundo de insolentes

Minhas roupas escondem  
O que em minha alma se corrompe  
Ódio cresce em mim  
Que dia isso terá fim?

Dor é o que sinto  
Como cheguei nesse abismo?  
Minhas feridas se abrem  
Enquanto meu coração arde

Sinto queimar em mim  
Simplesmente raiva  
Sempre que me toca  
Minha alma se desvaira

Malditas palavras  
Que ecoam em minha cabeça  
Incessantes insultos  
Que homem estulto

Firme me mantere  
Em naquele que não temo  
Deus está comigo  
Será sempre meu amigo

Traumas possuo  
Não confio em todo mundo  
Ninguém encosta mais em mim  
Se de mim o consentimento

Não surgir  
Sinto lágrimas escorrendo  
Pela minha bochecha  
Todos dizem “Não abaixe a cabeça, princesa.”

Mal sabem que agora a princesa sumiu  
Quem reina hoje é a rainha que eximiu  
De sua vida mentes corrompidas

Maria da Penha chegou  
Para me ajudar nesse terror  
Minha liberdade prevalecerá  
Se no silêncio não me abrigar  
Este crisântemo sempre perfeito será

Hoje tenho apoio  
Submetida jamais  
Nenhum infeccioso  
Tirá minha paz.

**CONTOS**

**CONTOS**

1º LUGAR

## “FLORES”

*Yan Victor Silva Machado*

Da janela da torre, a princesa observa as flores no jardim. No dia de seu casamento, o príncipe mandou que trouxessem flores dos mais variados tipos para decorar a igreja. Ela não esquecia a felicidade de valsar pelo salão em meio ao festival de cores e aromas. Principalmente, não esquecia do brilho no azul dos olhos do príncipe quando colocou o anel em seu dedo. “É uma pena que o brilho não tenha durado”, pensou.

Com o passar dos dias, o príncipe parecia cada vez mais distante, passavam cada vez menos tempo juntos, ele estava sempre tão ocupado, trancado em seu escritório. Um dia, ele partiu em uma longa viagem, mas nunca retornou. Não havia mais brilho, nem cores, nem príncipe. Restavam apenas a princesa e a criatura grotesca que habitava o castelo.

A princesa estava em seu quarto na primeira vez em que o viu. O monstro, muito maior que qualquer ser humano, tinha garras e dentes afiados, com escamas verdes cobrindo todo o seu corpo. Ela ficou paralisada, não conseguiu gritar nem chorar, nem quando foi agarrada pelo pescoço, nem quando foi arremessada contra a parede do quarto. Ela só conseguiu fechar os olhos e rezar para que aquilo tudo parasse, para que fosse tudo um pesadelo. Quando abriu novamente os olhos, ele havia desaparecido, tão misteriosamente quanto havia surgido. Mas a dor não desapareceu, nem o medo. Ali, no escuro, encolhida e sangrando, a princesa chorou.

No dia seguinte, a princesa se recusou a sair do quarto, apesar dos apelos dos empregados do castelo. “Todos pensarão que

eu fiquei maluca”, pensou. “Talvez eu esteja, talvez não exista monstro nenhum”. Mas ele não seria esquecido tão facilmente. Afinal, naquela noite, o monstro retornou. Desta vez, a princesa tentou resistir e fugir do quarto, mas foi agarrada pelos cabelos e arrastada pelo chão de mármore. “Pare! Por favor, pare!”, gritou, mas o monstro não demonstrou qualquer sinal de compreensão. Quando a princesa estava prestes a desmaiar de medo, o monstro a sacudiu para que se mantivesse desperta. Ele a queria acordada, queria ver o terror em seus olhos enquanto rasgava suas roupas. A princesa pensou que dessa vez não aguentaria, não sobreviveria e, de certa forma, estava certa. Quando o monstro foi embora, a princesa estava viva, mas uma parte dela desejava não estar, pois sabia que ele voltaria.

Quando o dia amanheceu, ela decidiu procurar ajuda. Deixou o seu quarto, percorreu os corredores em direção a ala onde estavam os quartos dos empregados e bateu em uma das portas, que foi rapidamente aberta pelo jardineiro do castelo. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, ela o viu. O monstro estava ali, de pé, em plena luz do dia, dentro do quarto. Ela balbuciou, tentando articular uma frase. Com uma das garras em frente a boca, indicando silêncio, ele a encarava. A princesa estremeceu, não conseguiu dizer nem uma única palavra. Desesperada, correu de volta para o quarto e trancou a porta. “O príncipe, é claro. Ele vai voltar e me proteger daquilo, ele me ama”, lembrou a si mesma. Naquela noite, e nas seguintes, ela foi visitada, mas nunca pelo príncipe.

Da janela da torre, a princesa observa as flores no jardim. “Existem outros monstros como ele por este mundo? Onde eles se escondem?” pensa. “De certo vivem nas sombras, longe da vista de todos”. Olha para a floresta além dos muros do castelo. Pensa em fugir. Mas enxerga a imagem da criatura em tudo. Os galhos retorcidos das árvores são suas garras e dentes, as folhas são

suas escamas. “Ele me encontraria, com certeza, preciso acabar com isso aqui”.

Naquela noite, ela esperou a vinda da criatura, desta vez carregando algo em suas mãos. “Eu vou acabar com isso, não quero sentir essa dor nunca mais”, pensa, apertando o cabo da adaga. O monstro então entra mais uma vez no quarto escuro. Desta vez, ao se aproximar, é golpeado pela adaga. Enfurecida, a criatura desarma a princesa e a agarra pelo pescoço, levantando-a do chão. Mesmo sufocando, ela não desvia o olhar. Encara, pela última vez, os olhos frios da criatura. Olhos azuis.

O Sol nascia quando a princesa foi arremessada da torre.

“Não, eles não vivem nas sombras” pensou, enquanto caía. “Eles estão muito mais perto, bem à nossa vista. Eles vivem entre nós, dentro de nós, escondidos atrás de um sorriso, de um buquê de flores e, às vezes, de um par de olhos azuis”.

Com um baque surdo, ela se chocou contra o chão do jardim. Estava rodeada de flores, mas não sentia aroma algum no ar. A aurora, pouco a pouco, iluminava aquele mundo. Um mundo, como tantos outros, tingido de vermelho.

Da janela da torre, o príncipe observa as flores no jardim.

2º LUGAR

# PARA ALÉM DESTES MUROS

*Hellen Christi Nogueira Ferreira*

Maria entrou no prédio segurando a filha adormecida no colo. Destrancou a porta, retirou o calçado, deixou a criança em sua cama e seguiu para o banheiro. Encarou o próprio reflexo no espelho: olhos taciturnos, o rosto jovem, de aparência cansada, a cicatriz embaixo da sobrancelha que adquirira há alguns meses, a marca verde-amarelada perto das costelas; com o passar do tempo ficara mais desastrada, era o que dizia a quem perguntava. O silêncio do lado de fora era reconfortante, saber que ele não estava em casa era como finalmente respirar. Lembrava-se bem de quando conhecera-o. Ele a prometeu o mundo, ela era jovem demais. Juras de amor tornaram-se, aos poucos, palavras de ofensa, e em pouco tempo já não se reconhecia mais. “Há muito mais para além destes muros...”, repetia sempre que pensava em desistir.

Suspirou, fechando os olhos por um instante, perdida em pensamentos. Estava exausta de tudo, foi algo silencioso, que a foi consumindo pouco a pouco, como a água salgada do mar, desgastando as rochas, até que percebesse que aquela a quem via no espelho era a Maria de todo mundo, menos dela mesma. Abriu os olhos, passou as mãos pelo rosto, bagunçando os cabelos. Em seguida, depois de retirar suas roupas, entrou no box, ligou o registro do chuveiro e encarou a água que caía por alguns instantes antes de se colocar debaixo do líquido frio. Sentiu a maçã do rosto ser molhada pelas quentes e grossas lágrimas que desciam de seus olhos, misturando-se com a água que molhava sua pele, chorando copiosamente. Um nó se formou em sua garganta e a respiração se tornou difícil. Precisava ser forte, por quem ela foi, por quem ela era, mas principalmente

por quem ela desejava ser; precisava garantir a si mesma e a sua filha o amor que mereciam. Se permitiu pôr tudo para fora, todas as angústias e sofrimentos reprimidos, cada vez que teve medo, cada pedaço de si.

Respirou fundo, limpou as lágrimas com a palma da mão e se enxugou, saindo do banheiro. Depois de vestir-se, espiou a filha que dormia tranquilamente, sorriu genuinamente com a cena e novamente veio-lhe a vontade de chorar. Sentiu os lábios trêmulos e levou uma das mãos à boca para impedir um soluço de escapar. Olhou para cima piscando rapidamente para deter as lágrimas que ameaçavam cair. Saiu do cômodo antes que acordasse a menina e seguiu em direção à cozinha, recolheu o lixo e o levou para fora. Encontrou uma senhora perto da grande lixeira do prédio, já a tinha visto por ali algumas vezes, morava no andar de baixo e estava sempre cumprimentando gentilmente os outros. Desejou uma boa tarde, a qual foi retribuída, e já se preparava para fazer seu caminho de volta quando parou no lugar ao escutar a velha senhora falar consigo:

— O céu está lindo, não está?!

— Está mesmo... — Maria respondeu, reparando pela primeira vez na paisagem. Estava no fim da tarde, tinha chovido o dia inteiro mas agora havia estiado, e o céu adquirira tons que se misturavam entre lilás, rosa e amarelo, a luz.

— Não é incrível?! — indagou a senhora ainda sem olhá-la.

Maria franziu o cenho, confusa com a pergunta — O quê? — replicou, a velha sorriu pequeno — Como mesmo depois de um dia nublado — virou-se para encarar a mais nova — , o tempo se abre, o sol aparece e os pássaros voam novamente. É a natureza nos dizendo que é resiliente, e somos todos parte da natureza, não?

É preciso ser forte para viver neste mundo, menina, e mais forte ainda para ir contra ele, sendo assim — respirou fundo, se afastando pronta para refazer seu caminho — , sejamos todas fortes.

Dito isso, se afastou, deixando Maria sozinha com seus pensamentos. A mulher percebeu a visão ficar nublada com as lágrimas que desciam sem piedade por seu rosto, mas pela primeira vez, desde que o tormento começara, o sentimento que se apossou de seu peito não foi o de angústia, era um sentimento novo e... libertador. Levou as mãos trêmulas para o bolso traseiro de sua calça, pegou o aparelho celular, respirou fundo e discou os três dígitos, aqueles que por tantas vezes apagou por medo, encarou o céu por um instante — Há muito mais para além destes muros... — sibilou antes de concluir a chamada.

3º LUGAR

## “O OLHAR”

*Estela Beatriz Amaya Saraiva*

Uma bela moça de olhar marcante apareceu no jornal local de uma cidade, em uma notícia que chocou muito. Ela sofria agressões domésticas. O que intrigou a todos foi ela ter suportado tanto tempo e nunca ao menos ter apresentado um indício.

Mas será que ela realmente nunca deu indícios? Talvez de uma forma discreta. Eram dúvidas de um investigador curioso, o qual nos últimos dias ficava entrevistando vizinhos do bairro em que a moça morava.

No fim da investigação, percebeu a negligência dos vizinhos. Não só machucados, um olho roxo representam violência; o psicológico é afetado.

O olhar triste e cansado, a desconfiança e o medo, a depressão extrema –isso eram os sinais. Na verdade, o medo calou todos. Como um homem tão poderoso e “bondoso” seria acusado de algo tão sombrio?!

Felizmente, a moça passa bem. Aquele olhar triste se transformou em algo feliz e de animar qualquer um. Talvez os machucados demorem a sarar; porém, a liberdade grita mais alto.

**CRÔNICAS**

**CRÔNICAS**

1º LUGAR

# UM PASSO PARA A LIBERDADE

*Adrian Kaike Oliveira Araújo*

Vestidos passando de mão em mão, corre-corre no salão, modelos escondendo toda a ansiedade com expressões indiferentes — para não dizer “azedas” — e roupas luxuosas por todos os cantos. Era simplesmente a maior noite do ano para a moda brasileira: o desfile de uma famosa marca que nem sei pronunciar o nome de tão fina. Eu não podia estar mais feliz.

Era meu primeiro grande trabalho como maquiadora. Antes, tratava isso apenas como um passatempo, maquiando em um casamento aqui, outro ali. A maioria das clientes eram minhas amigas, mas isso não é o importante.

Porém, desde que larguei o curso de Relações Internacionais e resolvi seguir meu sonho, ainda não havia conseguido nada sério.

Tudo mudou após uma entrevista de emprego que consegui por causa de uma das minhas amigas. Simplesmente impressionei todos os organizadores do evento de moda com minhas habilidades na maquiagem.

Na verdade, nem tanto.

Precisei praticamente implorar para conseguir esse serviço. Depois de ter deixado claro que estava desempregada, que já tinha feito quatro cursos de maquiagem diferentes e que estava desesperada por um emprego, acho que a organizadora ficou com pena de mim e, por isso, resolveu me contratar.

Mas o que importa é que eu estava dentro da noite mais luxuosa do país.

Por todos os cantos do local, grandes nomes da moda esperavam ansiosos pelo início do desfile.

Nos bastidores, mais correria. Um sentimento eufórico invadiu cada funcionário que estava ali quando uma famosa modelo adentrou o salão, dona de um carisma inegável e, obviamente, um rosto belíssimo.

“Fica calma!”, disse a mim mesma. Estava desesperada para tirar fotos com todas as celebridades.

Estranhamente, a modelo usava óculos de sol, mesmo que estivesse em um ambiente fechado e o horário ultrapassasse as nove da noite.

Observei a moça de forma intrigada, que caminhava lentamente em direção à organizadora do evento e sussurrou algo no ouvido da mulher. Seja lá o que tenha dito, irritou profundamente a tal organizadora, que por alguns minutos elevou a sua voz e impediu a modelo de opinar.

Envergonhada, ela se afastou da mulher e andou em minha direção, no setor de maquiagem.

Com meu sangue nordestino de curiosidade e uma leve vontade de começar a usar os produtos importados que estavam ali, andei em direção a modelo e me ofereci para produzi-la. Ela aceitou.

Quando perguntei por qual motivo a organizadora do evento tinha ficado tão irritada, a graciosa modelo disse que tinha pedido para cancelar sua participação. Intrigada, perguntei o motivo

de tal desistência de última hora, visto que ela estava no próprio local onde o evento iria acontecer. Como resposta, ela retirou seus óculos de sol e o cachecol. Então notei a razão: ela tinha alguns hematomas no pescoço e nos olhos.

Desesperada, peguei meu telefone e disquei o número da emergência. A modelo me interrompeu, dizendo que eu não podia fazer aquilo. “Você está machucada!”, argumentei. Ela, de forma autoritária, disse que eu deveria arrumar alguma forma de cobrir as lesões. “Não deixarei que participe do desfile nesse estado! Quem fez isso com você?”, perguntei.

Ela hesitou. Segundos de silêncio prosseguiram. Mas eu sabia a verdade. Pois já havia passado por isso.

“Ele não ama você.”, falei.

As lágrimas começaram a escorrer dos olhos da modelo. Suas mãos estavam trêmulas. Desesperada, começou a pegar vários produtos que estavam em cima da mesinha e começou a passar em seu rosto, tentando esconder os hematomas. “Para!”, gritei.

Ela continuou relutante, mas logo se acalmou.

“Eu não sei mais o que fazer!”, confessou.

Observei seu rosto choroso e disse: “Pode começar permitindo que eu complete essa ligação!”. Mostrei o número da delegacia da mulher brasileira.

Ela balançou a cabeça em concordância.

Naquele momento, uma entre tantas vítimas de violência doméstica conseguiu dar um passo para a liberdade. Assim como eu consegui.

2º LUGAR

# MINHA INDEPENDÊNCIA

*Evelyn Eduarda dos Santos Bezerra*

“A cada três horas, uma mulher é violentada no Maranhão. De agosto de 2021 a janeiro de 2022, houve o registro de 1018 casos de violência”, foi o que noticiou o jornal na noite passada antes da chegada dele. Ouvia atentamente as manchetes, quando notei a voz rouca e embriagada me pedindo o jantar.

Sempre que me olho no espelho, penso “aguenta mais um dia”. Não queria isso para minha vida, não pedi para apanhar, mas o que eu vou fazer se não trabalho e dependo dele. Sabe nem sempre ele foi assim.

Lembro-me do doce e encantador homem por quem me apaixonei, dos presentes constantes que recebia sem imaginar, a malícia por trás de tais atos. Às vezes desejo nunca tê-lo conhecido e esse pensamento simplesmente se esvai ao olhar a bela criatura que geramos.

Como posso acreditar em suas promessas de mudança, quando você reproduz sua agressividade em nossa filha? Espancou-a pelo fato da mesma ter tido a coragem de ser ela em sua completude. Nunca foi seu príncipe, mas sempre foi e será a minha princesa.

Tal ato foi o estopim dessa relação. Toda a minha covardia toma forma de leoa ao olhar minha filha no chão, chorando desesperada, assustada e indefesa. Lembrei-me de quando me batestes pela primeira vez e o medo virou ódio.

Por seus filhos, uma mãe é capaz de tudo. E mesmo tendo metade de seu tamanho, parti em defesa de minha prole; pus-me a frente

do indivíduo que por anos me batia. Olhei-o fixamente e escutei uma gargalhada que expunha seu sentimento de superioridade.

Provendo alimentação e moradia, mas nunca a segurança necessária para de fato ser o provedor desta casa tão singela que conquistou junto a mim. Não reclamo da construção, e sim da estrutura familiar que, de sua parte, é ausente.

Parei e imaginei minha vida sendo professora, meu sonho de infância. Cuidar e ensinar são o que amo fazer! História ou Sociologia trabalharia com uma ou ambas e sei que seria diferente no meu modo de ensino.

Voltei e vi a poça de sangue em meu entorno revelando a última façanha de meu algoz, covarde como era fugindo da situação. Meu pequeno anjo diante de mim fala que denunciou o próprio pai na intenção de me defender.

Ali já sentira a dificuldade para respirar. A visão turva e a lentidão cardíaca que anunciavam a chegada da tão temida morte, a qual desejara por tantos anos. Não pude deixar de notar minha pequena aos prantos ao perceber que perderia sua mãe.

E, em meio ao caos, percebi que suportei tudo calada em prol do conforto e fartura para minha filha ser alguém nessa tão desigual sociedade. Pergunto-me se valeu o esforço. Tentei educá-la da melhor forma possível e acredito que ela será justa, honesta, amável, forte: a mulher que eu sempre sonhei ser. Não pense que desisti; é que a morte não me faz ter menos esperança. Mas a convicção da minha independência.

Assim, digo e repito; Não permita que o primeiro tapa se torne uma série de hematomas! Aquele que deveria ser seu escudeiro não deve ser seu carrasco. Então, minha filha, permita-se viver

o amor, mas não se deixe influenciar por ameaças! Mesmo que a digam “Não o denuncie, faça por você a escolha certa para a sua sobrevivência”. E saiba: tu não estarás sozinha! A Delegacia da Mulher, o CEMULHER e outros órgãos públicos te ajudarão a existir com dignidade e segurança nessa sociedade estruturalmente machista.

3º LUGAR

# FLORES PARA REGINA

*Maylla Mayza Louzeiro Costa*

Regina, querida Regina tão bela como uma flor e tão forte como uma rocha. Cresceu em uma cidade pequena no interior do Maranhão, todas as conheciam, era uma menina muito boa e gentil, ajudando os outros como podia independentemente de quem fosse.

Tinha pais com pensamentos machistas e antiquados, logo normalizou certas atitudes de algumas pessoas por achar que elas estavam certas.

Na adolescência, foi privada de diversas coisas pelos pais, não podia nem ao mesmo sair com suas colegas da escola para um simples passeio na praça, também não namorou por medo de seus pais, estava sempre em casa estudando e fazendo as tarefas de casa com sua mãe.

Aos 19 anos, passou no vestibular e finalmente iria para a universidade cursar pediatria, iria realizar seus sonhos. Se mudou para a capital São Luís e agora morava de aluguel, mas estava feliz.

Logo nos primeiros dias fez amigos, e bom conheceu um rapaz que lhe chamou atenção. Ficaram muito próximos, viraram o que muitos adolescentes por aí falam BEST FRIENDS. Com 8 meses de amizade, Regina já se encontrava apaixonada por aquele rapaz alto, de cabelos loiros e longos olhos claros; para ela, o Marcos era o príncipe dos contos de fada que sempre sonhou. Depois de muito pesar, resolveu confessar seus sentimentos para ele, e bom, para a surpresa dela, ele também disse sentir o mesmo por ela, e logo começaram a namorar.

Regina o apresentou para seus pais depois de mais ou menos 2 meses de namoro. Ele sempre lhe dera flores, ela amava flores, ele lhe deu cartas toda semana, sempre lhe apoiando em tudo. Bom essa última parte era o que ela achava. O que a doce Regina não percebia, era que sempre dava um jeito de deixar as coisas ao seu favor, ela estava sendo manipulada e nem sabia.

Seus amigos a alertaram sobre algumas atitudes que ele tinha, mas como cresceu em um ambiente machista não enxergava o quão erradas eram as atitudes de seu príncipe encantado. Acabou por influência de seu namorado se afastou de pessoas que realmente se importavam consigo.

Aos poucos, a tão bela e cheia de vida, a gentil menina estava perdendo seu brilho e felicidade. Marcos a proibiu de usar certas roupas, mas claro que de uma forma “doce”.

-Meu amor, o que acha dessa roupa em mim? Estou bonita? –  
Perguntou animada.

-Oh, minha Regina, por que não usa está saia? Um? Ela combina mais com você meu doce – Disse com um belo sorriso estampado no rosto bonito – Assim você não irá chamar atenção de outros homens, tudo bem?

Ah... Eu tinha gostado dessa aqui – Disse um pouco triste – Mas você está certo – Respondeu com um sorriso triste no belo rosto.

Também não gostava de lhe ver com maquiagem, por achar vulgar.

-Meu algodão, para que toda essa maquiagem? Vamos apenas ao aniversário da minha sobrinha. Por acaso isso tudo é para outro? –  
Perguntou com aquele tom frio e ácido.

-Claro que não, Marcos, apenas queria encobrir essas olheiras – Disse com o tom baixo.

-Mas não precisa, vá tirar isso! – Falou com voz autoritária.

-Mas eu... tudo bem.

Já moravam juntos quando sofreu a primeira agressão física, já não tinha ânimo para nada. Trancou a faculdade e agora se dedicara apenas a cuidar de sua casa.

Não saia mais, pois chegou ao ponto de não conseguir esconder as marcas que estavam por todo corpo. Seus amigos até tentaram contato, mas de novo não conseguiram.

Além das agressões psicológicas e físicas, agora sofria mais uma agressão...

Em dezembro de 2010, seu corpo foi encontrado em um beco próximo a sua casa. E foi nesse dia que algumas que moravam próximas a casa perceberam que aquele ditado que diz – Em briga de marido e mulher não se mete a colher – deixou de fazer sentido.

Marcos foi apreendido dois dias depois em um bairro próximo.

Bom, infelizmente Regina foi mais uma flor que perdeu seu brilho, e teve sua vida tirada.

Agora nossa querida Regina recebia muitas flores no dia de seu aniversário, por pessoas de vários lugares.

**AUTORAS(ES)**  
*adultos*

**POEMAS**

**POEMAS**

1º LUGAR

# VIDA FERIDA

*Pedro Oliveira Dutra Neto*

E agora, meu Deus?  
O gás acabou,  
o marido surtou,  
no mundo sumiu,  
a filha gripou,  
a chuva caiu,  
o chão inundou,  
e agora, meu Deus?

A mãe implorou,  
eu não escutei,  
por tola pirraça  
a escola deixei  
e veio o álcool  
e veio a febre  
e veio o amor  
ao amor me dei,  
por amor sangrei,  
e agora, meu Deus?

E agora, meu Deus?  
A mãe me bateu,  
a mãe me avisou,  
eu não escutei,  
por tola afronta  
com ele fugi,  
com ele fumei,  
ao pó e à erva  
tão nova cedi,  
e agora, meu Deus?

Menina inocente,  
no mundo doente  
com ele caí,  
aí vi o mundo  
inteiro ruir.  
Faltava comida,  
faltava sossego,  
sobrava aflição,  
porrada na cara,  
risco de facão,  
e agora, meu Deus?

Um certo dia  
eu era outra  
e essa outra,  
tão diferente,  
mal conhecia.

Não era amor,  
não era paixão,  
era embuste,  
cilada do cão.  
Perdi o rumo,  
andei ao léu,  
barco sem leme,  
passo sem prumo,  
o peito fraqueja,  
a alma treme...  
Meu Deus, e agora?

Cadê o sangue?  
O sangue sumiu.  
Uma tristeza  
sem sutileza

pisou meu riso:  
eu era duas!  
eu era duas!  
Estava prenha.  
Ganhei as ruas,  
perdi o prumo,  
rio sem rumo,  
o pranto rolou  
nos olhos meus...  
E agora, meu Deus?

O gás acabou,  
o marido voltou,  
de novo me amou,  
de novo apanhei,  
a filha pequena  
por onde deixei?  
Está com a dona,  
senhora bacana,  
e vai pra escola  
e vai ser alguém.  
A mãe é perigo,  
o risco me atrai  
e a ânsia,  
e a dor.  
Mas sei, você vai  
comigo, Senhor!

Eu só tenho você  
nos passos meus.  
Aonde vamos?  
Aonde, meu Deus?

2º LUGAR

# CENAS DO SILÊNCIO

*Adriana Beserra Silva*

Sou o reflexo de tantas mulheres  
Me reconheço em suas histórias  
Trago em mim suas invisibilidades  
O seu pedido de socorro  
Somos muitas, temos dores, temos marcas.

Marca de quem foi agredida  
Silenciada  
Com arma apontada  
Diante da ameaça  
Tenho medo  
Do carrasco, da bofetada, de ser vítima.

O agressor é sedutor  
Sutil Enganador  
Sou dele alvo fácil  
A calma se instala  
Aceito suas desculpas esfarrapadas

Juras de amor, o pedido de perdão e não aprendi a lição  
Foi só uma vez  
A promessa, reconciliação, o carrasco é meu anfitrião  
Me serve, consome, abusa  
Me entrego, acredito, não desconfio

Sou toda sua  
Sem forças e nenhuma convicção  
Me domina e como uma menina  
Acredito na sua 'transformação'

Basta alguns dias  
O anfitrião vira vilão  
Acabaram as juras de amor  
Não tem mais o pedido de perdão  
As noites são longas tormentas  
A cama é dividida com o inimigo  
O sono é suspense

O perigo é iminente  
Tensão, acusação, falsa ilusão  
Ciúme, palavra ofensiva, humilhação  
Estou acuada

Fui presa fácil  
Dei a cara a tapa  
O ciclo fez sua repetição  
No ritmo do para-continua  
Tenho medo do carrasco  
De cair em outra cilada, na sua conversa fiada, no seu jogo  
manipulador  
Medo da sua ira, da sua mira, do seu calibre  
Medo de ser assassinada, esquecida, estatística

Não resta tempo  
Para registrar o boletim de ocorrência  
Fazer acusação  
Pedir proteção e  
Ver sua Condenação.

3º LUGAR

# AMOR?

*Ana Cimália dos Santos Dias*

Quem ama dá flores,  
Ou dá pancadas?

--Amor?

Por acaso amar  
É violar o corpo de alguém  
Sem permissão desse alguém?

--Amor?

--Flores?

Flores, que nada...  
-- Nada de flores!

O que se tem é medo.  
Medo do abrir a porta,  
Medo de falar e de ouvir...  
-- NÃO !!!

E, pior que ouvir um NÃO,  
É nem ouvir um não.  
Mas, porém  
Sentir um “TAPA”,  
que dói até a alma

--Amor?

O que é amor, quando o sentimento de amor,  
deu lugar ao sentimento de angústia e pavor?

--Amor?

Amor não é cólera,  
Nem ferocidade, muito menos furor.

--Amar?

Amar não é se sujeitar ao outro, como se submetem os vassallos a  
seus senhores.

Mas, amar é deixar que o verdadeiro amor: Impere, Predomine e  
Reine!

**CONTOS**

**CONTOS**

1º LUGAR

# CAMISOLA DE ALGODÃO

*Verônica Alves Malheiros Dias*

Lá está ela, de barriga para cima, no chão.

Apesar de ter batido forte a cabeça na quina do móvel ao lado da cama, não está sangrando, ao menos nessa parte do corpo. Porém, entre suas coxas e na região da barriga abaixo do umbigo, há uma boa quantidade de líquido vermelho.

Continuo em choque.

Num momento, estávamos juntas. E, de repente, numa imensa covardia, fui arrancada de qualquer jeito e jogada sobre esta cadeira em que permaneço desde então.

Ainda que eu esteja assombrada, recordo-me com detalhes de como tudo se originou, cerca de dez minutos atrás. Na verdade, lembro-me de um tempo bem mais distante, quando éramos apenas nós duas.

Nessa época, eu era bem mais utilizada, principalmente depois do banho. Ela adorava o meu toque, que, com os anos e as muitas lavagens, foi amaciando demasiadamente o meu algodão.

Não desgrudava de mim. Quando me lavava, ia ao varal constantemente certificar-se de que eu já estaria pronta para uso.

Vivíamos num misto de amizade, carinho e ternura.

Raras eram as vezes em que me chamava no feminino, porém esse lapso de gênero é corriqueiro, e muita gente faz essa confusão.

Mas tudo bem, isso nunca foi problema para nós duas.

— Onde o deixei? — costumava perguntar para si mesma, quando tão logo não me encontrava na gaveta de cedro. E, quando me via, os lábios se aproximavam das orelhas.

Ainda me recordo da nossa primeira abraçada. Logo no instante que senti sua pele no meu tecido, apaixonei-me pelo seu cheiro de cravo.

Estávamos felizes juntas.

Líamos muito.

Fazíamos bolos.

Não vou dizer que tudo foi só sorrisos entre a gente. Algumas vezes, distraidamente, ela me lambuzava com suas guloseimas.

— Ah, não! — exclamou certa noite, após a calda de chocolate cair sobre mim. Assim, fomos obrigadas a dormir separadas. Eu, na bacia com água e sabão; ela, com outra de tecido menos macio que o meu.

Passei a noite afogada em ciúmes.

Mas a maioria das noites, e dos dias também, era aconchegante, e isso bastava para compensar qualquer disputa.

Assim era a nossa realidade: calor, aconchego, perfume de cravo.

Mas aí ele chegou.

E, de uma hora para outra, as coisas mudaram.

Comecei a ficar mais tempo no cedro que sobre sua pele. Passou a usar roupas justas em seu corpo. Tecidos tão colados que pensei: “Como os fios não se soltam?”. Tudo bem que ela ficava linda, mas e eu?

Como se não bastasse, comprou umas roupas de dormir diferentes. E, além de serem diferentes, ela nem dormia com elas, porque as mãos dele arrancava e jogava tudo pelos quatro cantos do cômodo.

Com o tempo, nem roupas ela usava mais. E o pior de tudo: ele também não. Os dois permaneciam, por horas, deitados e pelados, num movimento em onda, sem fim.

Até o cheiro dela mudou. Agora era o perfume dele que ela trazia no seu corpo.

Mas aí houve a primeira discussão.

Ele sumiu por três maravilhosos dias.

Nesse curto período, voltamos a dormir abraçadinhas.

Contudo, de repente, lá estava ele outra vez

E depois não estava mais.

Continuou desse jeito por um bom período. Isso não me agradava. Às vezes, eu; outras vezes, ele. E, para me tirar do sério, teve noites em que éramos ele, eu e ela.

Nesse vai e vem, acabou que ele foi e não voltou mais.

Embora eu visse a enorme tristeza em seu semblante, adorei a

distância dele entre a gente

Aí voltamos a ser somente nós duas, outra vez  
Cheirinho de cravo.

Dias seguidos em seu abraço. Tudo como antes.

Até que inesperadamente apareceu outro: alto, forte e muito  
desconfiado.

Lá fui eu parar na gaveta, novamente. E ela voltou a usar roupas  
diferentes, perfume diferente. Mas notei uma coisa: ele era  
diferente também. Claro que ele não poderia ser igual ao primeiro,  
mas a dessemelhança a que me referi era na maneira como ele a  
tratava

Reparei que os cabelos dela viviam despenteados. Os seios,  
bem como o pescoço, exibiam marcas de arranhões. E os lençóis  
estavam sempre manchados de sangue.

— Assim me machuca — ouvi-a certa vez reclamando, embora o  
som tenha chegado até mim abafado, já que fazia dois dias que eu  
não saía da gaveta.

Depois desse episódio, tiveram muitos outros.

— Vou chamar a polícia se você não for embora de minha casa  
agora! — disse irritada, sacudindo os cachos desgrenhados. Nesse  
dia, eu estava nela, por isso assisti a tudo e vi quando ele jogou as  
cinzas do cigarro sobre os seus cabelos.

Mas ele não foi embora nem nesse dia nem nos outros. Além de  
tudo, não a deixava sair.

Os olhos denotavam pavor. Era prisioneira.

Nesse ponto, foi bom para mim; passei bastante tempo grudada nela.

Porém, ele dizia que ia mudar, o que, de certo modo, me entristecia, pois eu provavelmente passaria mais tempo no cedro. Mas que nada! Ele era gentil por dois ou três dias e depois voltava ao normal.

Depois de algum tempo, nem eu me sentia feliz com essa situação, apesar de que ela me usava agora com muito mais frequência.

De todo caso, a coisa foi crescendo. Crescendo como balão.

Ela passou a receber constantemente tapas no rosto, petelecos na cabeça. Cada dia, ele recorria a mais violência.

Assim, o que antes era apenas um balão infantil se tornou um balão de passeios quando ele começou a chutá-la pelo corpo e, não muito depois, no rosto.

Foi desse jeito que chegamos aqui.

Ela nua, violentada sexual e fisicamente, estirada no chão. E eu aqui, nesta cadeira, observando o vermelho que escorre de sua barriga, saindo do rasgo feito com a tesoura, esquecida às pressas sobre o lençol.

Ele já não está mais aqui. Fugiu.

É engraçado como são imaturos. Embora tenha me abalado psicologicamente, já que a violência vivida neste ambiente não me sai da lembrança, e destruído o corpo e a alma dela, o grande

abalo, no final, quem receberá será sempre ele. Se a violência é algo devastador de se assistir, imagine carregá-la consigo pelo resto da vida, como ele faz diariamente.

Um breve murmúrio me afasta dessas reflexões.

Preciso me mover...

Paro. Observo.

Admito que, por puro milagre, me conservo intacta, sem nenhum rasgo ou descostura, bem diferente dela.

O murmúrio aumenta.

Acompanho com desconforto sua agonia e ouço seus suspiros.

Quero fazer alguma coisa por ela. Preciso ajudá-la...

Mas, nesse momento, eu me dou conta de que não posso fazer nada; sou apenas uma camisola de algodão que fora arrancada brutalmente de seu corpo frágil de mulher.

2º LUGAR

# ERA UMA VEZ ANDREIA

*Andressa Fontinelle Lopes Rodrigues*

Novo dia se levanta e Andreia já está de pé.

Mulher nordestina, negra, filha da periferia brasileira, mãe de duas pequenas cópias de si.

No caminho para o trabalho, Andreia recosta a cabeça sobre o braço que se ergue de apoio na condução lotada, arde-lhe a testa machucada na noite anterior. Lembra-se das roupas que colocou nas mochilas das meninas e dos dois reais deixados escondidos dentro do vaso sobre a mesa para que comprem o pão. Nada deixou para o lanche (o pão tá caro, a grana curta). Pediu logo cedo que a mãe as levasse para a escola e depois cuidasse delas até a volta, lá pelas 19 horas.

Entre empurrões e buzinas, as ideias se misturam. Decidiu que a noite de ontem foi a derradeira, que pegará o pouco que lhe pertence e voltará para a mãe hoje mesmo, que cansou de carregar hematomas e mágoas, que merece algo melhor, que as agressões em suas meninas são inaceitáveis, que ele nunca vai mudar, como sempre promete.

Andreia trabalha na justiça. Seu gabinete de trabalho –corredores e banheiros. Faz no fórum o que faz em casa, cá e lá não recebe prestígio pelo trabalho impecável. Como lhe doem as costelas pela noite anterior, Andreia tem dificuldades em varrer e carregar baldes. Segue. Suor e uma lágrima. As coisas precisam melhorar

Andreia sabe da Maria da Penha, ela fica a dois andares do seu gabinete, mas parece tão distante...

Censura o pensamento. Que coragem teria de sair da função para incomodar? E quem lhe notaria?

A justiça sempre esteve cega para ela, dos abusos da infância às oportunidades que não lhe garantiram. E seria agora diferente? Convenceu-se de sua condição e da função invisível que ocupa, ninguém sabe nem mesmo seu nome! E não se cuida de ser destrutada, se cuida de não ser vista.

Pelos dentes quase amolecidos na noite anterior, o bandeco improvisado do almoço parece mais difícil de mastigar do que de costume. Na volta do intervalo, enquanto recolhe silenciosamente os lixos das salas, a “moça da limpeza” é tomada de surpresa pela grandiosa gentileza da funcionária que lhe nota a presença e lhe dirige a palavra, interessada em saber se ela já havia almoçado. Quem se importaria? E por quê? Projeta na jovem funcionária a imagem das filhas, algum dia poderiam sentar-se nesse lugar?

A decisão estava tomada. Suas filhas mereciam um destino melhor e ela, paz.

Do outro lado da cidade, ele acordava. Não encontrou pela casa nenhum centavo para nutrir os vícios. Ele também estava decidido. Quanta ousadia! Ainda ameaçou deixá-lo. Merecia o que levou. E também as filhas. Cansou de aturar essa mulher. Merecia outra melhor. Ela, não sendo dele, não seria de ninguém. A noite de ontem foi a derradeira.

Faz, então, uma pequena mala com seus pertences e deixa à porta.

No quintal, junto à pedra do tanque, afia com esmero o instrumento e simula movimentos de ataque. Já imagina sangue

e vísceras. O plano é matá-la a golpes de facão. Um, dois, três... dez. Quem ela pensa que é? Deita-se no sofá à espera das horas, enquanto a televisão o distrai do silêncio. E se ela não voltar para casa? Ela disse que iria para a mãe.

Decide surpreendê-la e segue em direção ao refúgio. No caminho, com a arma presa ao calção, pede fiado uma dose no bar.

Andreia se desfaz da farda cinza e botas pretas pesadas, solta os cabelos encaracolados e segue para esperar a condução. De si para si, reafirma as conclusões tomadas ao longo do dia e já vislumbra um futuro menos doloroso. Ela sonha acordada com um recomeço. Vai chegar na mãe e explicar tudo para as meninas, mas antes vai botar um gelinho no pulso dolorido pela noite anterior. Vai pedir um lugar pra ficar por um tempo e depois, mais pra frente, vai buscar seus pertences, de preferência quando ele estiver fora. Sem as desregradas farras, que antecedem ultrajes e destratos, supõe até sobrar um dinheirinho para melhorar a educação das filhas.

Os planos dele são outros. Destemido, Deus e dono da vida e dos dias dela, caminha a passos intrépidos rumo ao destino que lhe traçou.

Desapercebida de sua sorte, Andreia desce da condução, a noite já chegou. Ele reconhece sua silhueta ao longe, precisa apertar o passo, antes que ela entre na casa e lhe dificulte o projeto. Assim, pelas costas, não haverá possibilidade de resistência ou fuga. Basta cruzar a via e ponto final.

Mais adiante, as meninas já esperam pela mãe no portão, ansiosas por seu regresso.

Ele aperta o passo e o fôlego, coração acelerado, visão turva

tamanha obstinação, a mão já a desembainhar o facão.

Eis o fim.

Idos os anos, as meninas cresceram e sonham alto, são as primeiras de todas as gerações da família a conquistar um diploma superior. Inspiradas por Andreia, formam-se hoje em direito. Fardadas com a beca e empunhando vassouras e baldes adentram o auditório, homenageando a moça da limpeza que deu tudo de si por elas. Com o símbolo lembram os presentes que não existem subprofissões e que a justiça não aceita discriminação.

Da plateia, Andreia assiste a vitória tão árdua. Risos e muitas lágrimas. Só ela sabe de todas as lutas. A conquista das filhas é mais ainda a sua. Queria ter partido de um ponto menos distante do que aquele que a meritocracia lhe oferecera e pondera que talvez não tivesse chegado tão longe e viva, não fosse a triste sorte de seu algoz marido, brutalmente lançado a metros de distância dela e das filhas ao atravessar desatento a via em seu encontro. Sangue, vísceras e o facão – um mistério. Soube, no entanto, que também ele estava decidido a deixá-la, pois encontrou à porta da casa a mala pronta.

(A Andreia real teve um destino tragicamente diferente. A arte, no entanto, abre uma gentil janela para um final feliz.)

3º LUGAR

# A VIDA PRESCRITA DE DAS DORES

*Wanda Cristina da Cunha e Silva*

Nunca minha maré esteve para peixe. Ademais, dizem que ela, a maré, passa por dois ciclos: a baixa-mar e a preamar. Só que toda a minha vida foi feita de marés vazantes que fogem para longe do cais, levadas pelo destino dos naufragos. Foi assim em todas as minhas idades. Com sete anos, eu já engolia soluços, porque meu pai chegava bêbado em casa e batia em minha mãe.

Certo dia, ele fez diferente. Eu já tinha dez anos e não suportava o fato de ele agredi-la. Então, fui em defesa dela: agarrei-o por trás, pela cintura, para que ele se afastasse dela. Na ocasião, ele partiu pra mim, deu-me tapas intermitentes no rosto e me jogou sobre o sofá da sala, rasgou-me a roupa, abriu sua braguilha e introduziu entre minhas pernas o monstro maldito de que ele fora feito. Fiquei enclausurada nos intermináveis minutos de dor e defloramento. Minha mãe gritava ajoelhada como se pedisse misericórdia. De repente, ela saiu em direção à porta da rua em busca de socorro. Literalmente nu, despido de todos os valores, puxou-a pelos cabelos para dentro da casa, cerrou a porta. Foi carimbando o rosto de minha mãe com suas impressões digitais, sopapo a sopapo, soco por soco, estrangulando-a impiedosamente. Como se não bastasse agredi-la com as mãos, passou a dar de pé no seu rosto, no seu corpo inteiro, pisoteou-a. Ela já não gritava, não chorava... Ela se apagou como se apagam as estrelas ao amanhecer, após uma noite cheia de lobisomens.

Ele nunca teve jeito de pai nem de marido. Tinha características mesmo de rato: baixo, de focinho afilado, pelos acinzentados

e sujos; trazia doenças de rua para dentro de casa. Violento, provocava danos nos aparelhos domésticos, quebrava tudo. Certo dia, tentou incendiar a casa, além de contaminar nossas refeições. Ele tinha mania de transformar em babugens os alimentos que minha mãe guardava na geladeira velha, com muito sacrifício, para o almoço no dia seguinte. Lambudo, sinonimizava um rato de sarjeta que bebia cerveja no mijo dos bêbados e vivia nos monturos da promiscuidade. Nunca o vi sóbrio. Apesar de dizerem que os ratos são grandes reprodutores, graças a Deus eu era filha única da família de um roedor de vidas.

Minha mãe era costureira. Sustentava a gente com sua paciência e seu divino ato de trilhar os caminhos da agulha para a construção de sonhos bordados com a criatividade das linhas engenhosas. Às vezes, eu achava que ela era agulha servil; outras vezes, eu achava que ela era a linha artesã que juntava muitos retalhos para a edificação de um mundo melhor para mim, sob o alicerce de pão e sorrisos. Agora, no fim dos meus dias, percebo que minha mãe era uma tecelã de histórias não terminadas, aranha, aquela mesma Arachne de Ovídio, dedicada à tecelagem, tecendo fio por fio de uma vida de resistência e abnegação, ciosa do seu ofício, orgulhosa mesmo por dar de comer à sua filha. Todavia, ao contrariar um detentor do poder da maldade como meu pai, virou uma simples aranha, fato que acontece em todas as histórias dos seres humanos que resolvem desafiar aqueles que se consideram deuses. Naquele mundo machista, ele conseguiu espalhar que minha mãe o traía, que ele agira em defesa da honra. Para a sociedade da época de São Luís do Maranhão, minha mãe transformou-se em um aracnídeo imoral.

Não gosto de me lembrar do dia em que minha mãe morreu. Era agosto de 1969. Eu nunca denunciei o que havia acontecido comigo. Criança, nem sabia que aquilo era crime. Mas eu tinha vergonha de mim mesma. Escondia a lembrança daquela cena

de horror: um rio de sangue escorrendo entre minhas pernas, sob o pano de fundo de uma dor vaginal que denunciava o arrombamento de um ovário ainda em fase de broto. Contudo, o grande mal que ele me fizera foi matar a minha mãe. E cadáver dela, então exposto na sala, era o meu sepulcro. A palavra feminicídio ainda não era comum no dicionário de nossa sociedade, e uma menina órfã como eu teria que ser jogada nas mãos dos parentes mais próximos.

O homem que matou minha mãe desapareceu no vento, deixando o nome dela na lama. Nunca entendi por que ficara em liberdade. Andaram dizendo que ele fora morar em São João Batista, um município da Baixada Maranhense. Eu não sabia se ele tinha construído novo lar. Se eu tivesse sabido da existência de outra família, eu teria sentido pena de sua nova mulher e de seus novos filhos, principalmente de seus filhos. Quem é produto de um pai daquele, merece nascer órfão.

Eu fui morar com minha avó materna no Bairro do Lira. O caso do assassinato de minha mãe estava nas mãos da Justiça, mas a sociedade da época, no ópio de sua hipocrisia camuflada, ainda era deveras patriarcal e costumava legitimar o papel do homem como proprietário da mulher, principalmente quando sobejava, em autos processuais, a alegação de uma simulada defesa à honra.

Minha avó passou a ser o meu esteio, dedicou-se diuturnamente à minha educação. Apesar de viver com uma parca pensão deixada pelo meu avô, primava pelo pão nosso de cada dia. Frequentei escola pública e pude fazer um bom ginásio, no Centro Educacional do Maranhão – Cema -na Camboa. Em 1975, quando minha avó faleceu, tive que ser jogada na casa de uns parentes distantes que prometeram ajudar na minha educação. Fui ser empregada doméstica, sem direito à remuneração. Trabalhava durante o dia e estudava à noite. Nunca mais tive sossego. Para

os outros, eles diziam que eu era sua sobrinha, mas me tratavam como escrava. Aos trancos e barrancos, fui concluindo meu colegial. Uma noite, acordei desesperada com o filho do patrão sobre o meu corpo. Foi a segunda vez que passei por violência sexual. Quis gritar, e ele tapou minha boca com um lençol. A família quis abafar o caso. Mas não dava pra esconder um filho gerado dessa violência sexual. A minha tia-patroa levou-me a uma clínica clandestina para eu abortar. Quando lá cheguei, fui reduzida a um animal selvagem abatido pelos predadores. Quase morri. Na volta à casa dos patrões, eu estava tonta, quase lerda; recolhi-me no quartinho em que eu vivia, cuja aparência física lembrava um buraco de tatu, no qual eu escondia as minhas dores emocionais, de modo a cavar minha alma para enterrar meus segredos tenebrosos.

Havia um barulho imenso no interior da casa. Um grito estridente rolou em toda a rua. Era a voz de minha tia-patroa que gritava e soluçava em tons altos:

-Assassino! Assassino!...

Vozes confusas misturavam-se em meus ouvidos. De repente, acenderam a luz do meu quarto. Era ele, o filho da patroa, cuja presença agourava meus medos:

-O ex-namorado da Marina....Ele a matou

Marina era a filha mais velha da patroa. Tinha um namorado, João Pedro, com quem trocava atos libidinosos todas as noites. Por último, ela já não o queria, porque a libidinagem era melhor com outros homens. Ele, certamente, não aceitou ser traído e largado. João Pedro era uma espécie de animal repugnante, como a do assassino de minha mãe.

-Queria te pedir perdão pelo meu gesto insano – Falou o filho da patroa, com o olhar acorrentado ao chão.

Pedi-lhe que saísse do quarto. No outro dia, eu já não fazia parte daquela família de abutres. Arrumei minha trouxa e fui atrás de um abrigo de estudantes na Rua da Paz, próximo à Praça Deodoro. Eu acabara de fazer dezoito anos, e o dono daquela Casa de Estudantes gostou de mim e me arranjou um emprego como serviçal. Seu Almeida era um homem bom, culto que resolveu criar uma biblioteca nas dependências da Casa de Estudantes para ajudar os seus hóspedes nas pesquisas escolares. Nas minhas horas vagas, eu ia à biblioteca fazer a leitura de obras literárias. Paralelamente, dediquei-me ao estudo do vestibular. Seu Almeida ajudou-me a planejar meu horário de estudo. Fiz uns quatro vestibulares, mas consegui ser aprovada: Licenciatura em Letras. Estava apaixonada pela Literatura do Maranhão e pela Língua Portuguesa. Foi um tempo de muita dedicação. Talvez tivesse sido aquela a minha fase de lua cheia de felicidade. Conheci Firmina, com suas histórias híbridas de Úrsula e Suzana que lembravam a minha, para demonstrar quão escravizada fora a mulher enquanto gênero e raça. E questionei-me: como uma mulher de tão remoto século pode ser tão atual, narrando fatos que ainda acontecem em plena sociedade moderna?

O tempo passava. Quando Penha foi torturada como a minha mãe, ela teve uma outra atitude: lutou por uma lei em combate à violência doméstica, e nasceu então a lei que levou o nome dela: Lei Maria da Penha, Lei 11.340/2006. Aquele era um tempo de mudanças para a mulher brasileira. Porém, a Lei nº 13.104, que pune aqueles que matam mulheres por questões de gênero, só entraria em vigor em 2015.

Em meados de 2017, quis -finalmente- saber por onde andava o rato do meu pai; saber se tinha filhos, se ainda estava vivo. Fui

a São João Batista. Soube por lá que ele tivera uma única filha. Ela estava morando em São Luís. Descobri seu endereço. Em lá chegando, bati à porta. Uma menininha de aproximadamente dez anos veio abri-la. Dei boa tarde. Do corredor da casa, soou uma voz feminina:

-Quem está aí, filha?

-Sou eu! Maria das Dores. – Respondi.

Aparentando uns 45 anos, a mulher repetiu meu nome surpresa, adentrando a sala com o olhar fixo em mim:

-Maria das Dores! – Exclamou como se me conhecesse. -Eu sou Maria da Alegria – estendeu-me a mão – Sou filha do teu pai. Pela foto dele que mamãe guarda no álbum, vocês se parecem bastante.

Vocês se parecem bastante. -Eu não tenho pai. – Respondi na lata. -Agora não tens. – Asseverou Alegria.

Alegria era alegria só no nome. Ela também fora borrifada pelos costumes falocêntricos. Casou-se. Seu marido a maltratava. Mas, agora o seu tempo é outro, razão pela qual ela usa a Lei Maria da Penha para se defender contra o esposo violento. Ele teve que manter distância dela, por determinação judicial. Usa tornozeleira. Antes, tentou matá-la três vezes. Alegria não tem o botão de pânico. Só tem o pânico.

-Meu pai também tentou matar minha mãe várias vezes, mas aquele era um tempo em que ainda não se pensava numa lei exclusiva em combate à violência contra a mulher. De tanto tentar matá-la, acabou ceifando sua vida e ainda disse que o fez em legítima defesa de sua honra. – Confessei a Maria da Alegria.

-Que horror! –Espantou-se Alegria.

-E ele? Não foi violento com você e sua mãe? –Questionei curiosa.

-Eu só tinha seis meses de idade quando o encontraram bêbado na sarjeta, estuprado, sem roupa. Minha mãe até hoje é apaixonada. Ela mora comigo. –Declarou minha irmã.

-Sua mãe não precisou sofrer nem morrer precocemente. Talvez por isso esteja viva: ele morreu antes de fazer algum mal a vocês. – Concluí.

-Ele falou de vocês, mas não disse como sua mãe morreria. Disse que sua avó não permitiu que ele ficasse com você.

-Minha avó me salvou das mãos de um perverso. Desculpa! Mas o teu pai era um monstro

Contei todas as minhas dores para minha irmã. Alegria se permitiu chorar.

Desde aquele dia, passamos a ter uma relação estreita e, sempre que podíamos, reuníamos-nos pra conversar sobre o futuro. Ajudei Alegria a conduzir sua vida dentro daquele processo traumático e doentio da separação.

Até hoje, entretanto, não me esqueço, da morte de minha mãe. A Lei 13.104/2015, que pune os feminicidas, não existia na época do crime, o qual foi tratado de forma genérica, como homicídio. Demais disso, o assassino hoje está morto, e o crime prescreveu. Na verdade, no dia da morte de minha mãe, até a minha vida prescreveu.

Agora, olho o meu entorno e verifico que mulheres continuam sendo agredidas, e os feminicídios continuam ocorrendo; entretanto já há a lei que coíbe a violência doméstica contra a mulher, graças a Penha que também fora maltratada pelo marido. Lei e Justiça estão de mãos dadas para coibir os abusos. Entretanto, tudo ainda depende de um trabalho de consciência coletiva. Eu, por exemplo, sou um fato, entre tantos outros, na historiografia brasileira, a mesma historiografia que, durante séculos e séculos, descreveu a mulher como um ser-objeto.

O tempo de minha mãe foi um tempo de desesperanças. O meu tempo foi um tempo de alheamento e acomodação. Fui, por duas vezes, violentada e não reagi. Ainda bem que o tempo é das medidas protetivas, das tornozeleiras, dos botões de pânico, mas o tempo, também, ainda é de medo e incredulidade. As histórias continuam se repetindo. Mas digo, com certo alívio no peito, que os finais já podem ser diferentes, dependendo de cada uma e de muitos uns.

Hoje, 30 de abril de 2021, abraçada aos meus sessenta e um anos de idade, se alguém me perguntar quem sou eu, direi com muita abnegação e resiliência: -Eu sou Maria Das Dores. Mas, como minha irmã, eu poderia ter sido Maria da Alegria.

**CRÔNICAS**

**CRÔNICAS**

1º LUGAR

# QUANDO SEREMOS UMA SOCIEDADE CIVILIZADA

*Jáder Cavalcante de Araújo*

Intolerância. Por mais antipático que possa parecer esse substantivo, por sua carga semântica, que nos remete ao radicalismo, não pode ser outra a atitude da sociedade perante a vergonhosa onda de violência contra a mulher que vem fazendo parte do cotidiano brasileiro há bastante tempo, com um ridículo ritmo de arrefecimento a conta-gotas. Hoje, é inegável que houve avanços no combate à violência doméstica, talvez frutos de campanhas de conscientização e de um esforço incessante da mídia em explicitar essa chaga de nossa sociedade.

Lima Barreto, o consagrado escritor de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, há mais de cem anos, publicou a crônica “Não as matem”, em que fez uma crítica contundente sobre uma prática muito comum na época, que era o uxoricídio, às vezes seguido de suicídio. Barreto, em 1915, foi motivado pelos sucessivos casos noticiados pela mídia, uns por adultério, outros por inconformismo pelo fim de um relacionamento. Em sua tentativa de alertar seus leitores sobre a vileza dos assassinos, o cronista salienta que “Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer”. Infelizmente, a afirmação permanece atual, mesmo com seus 107 anos de idade.

Vergonhosamente, o Brasil está entre os cinco países onde mais se pratica violência contra a mulher, e o que é pior: a cada dez agressões a mulheres, quatro acontecem dentro de casa, ou seja, o algoz é o companheiro, que, nesses casos, deixou de lado o companheirismo. Se retrocedermos algumas décadas, veremos

que pouquíssimos casos de violência contra a mulher eram denunciados, e isso melhorou bastante na atualidade, embora ainda esteja longe do ideal de 100%, uma vez que menos da metade das mulheres agredidas hoje em dia prestam ocorrência policial.

Em solo brasileiro, três mulheres são vítimas de algum tipo de violência por minuto, e há um feminicídio a cada sete horas. São números assustadores, que descredibilizam qualquer sociedade moderna de ser chamada de “civilizada”, mais se assemelhando ao comportamento dos bárbaros no início da Idade Média.

Excetuando-se alguns casos de violência premeditada, a maioria das agressões contra as mulheres surge de um destemperado do agressor, ou seja, existe um aspecto passional, que é muito difícil de combater e, principalmente, de prever, até porque não existe agenda para o descontrole. Junte-se a isso o estereótipo de macho com eme maiúsculo que permeia a personalidade do homem brasileiro, o que contribui ainda mais para essa violência espontânea. Voltando às estatísticas, temos os estados de Alagoas e do Acre (entre os piores IDHs do país) com o título negativo de campeões de agressões contra a mulher, o que nos sugere que os homens com pouca escolaridade e baixo nível social são mais propensos a agir violentamente contra suas companheiras, não retirando da lista negra — é bom frisar — aqueles que tiveram a oportunidade de estudar e prosperar. Ainda está fresco, na memória do brasileiro, o assassinato cometido pelo jornalista Pimenta Neves, ex-diretor de O Estado de São Paulo, que vitimou sua ex-namorada Sandra Gomide no ano 2000.

Outro aspecto relevante a ser mencionado é a covardia que envolve a violência doméstica, primeiro pelo biótipo físico do homem, que quase sempre se sobrepõe ao da mulher. Mas mais covarde ainda é aproveitar-se da confiança e, muitas vezes, da

dependência da mulher para cometer crimes contra ela. Não se podem admitir atos de violência justamente daqueles que, tradicionalmente, ao longo da história humana, têm assumido o papel de protetores dos membros do lar

Não se pode esquecer-se de incluir a impunidade como um dos fatores que favorecem a prática de crimes contra a mulher no ambiente doméstico. Com o aparato policial cada vez mais sucateado e uma justiça leniente e modorrenta, muitos feminicídios levam anos para irem a julgamento — quando vão! — porque somente dez por cento dos crimes de morte são julgados no Brasil. Já que mencionamos Pimenta Neves, lembremos que seu caso foi emblemático também pelo trâmite processual: passaram-se dez anos até ele ser julgado e condenado, e, só depois de uma infinidade de interposições legais, ele foi para a cadeia, onde permaneceu por ínfimos cinco anos. Depois saiu por bom comportamento. Este cronista perdeu uma amiga há uns quinze anos, e seu marido feminicida fugiu, nunca tendo sido alcançado pelos hirtos braços da Justiça. No caso de agressões físicas leves, raramente o agressor é punido com pena de detenção.

Por essas e muitas outras é que devemos ser realmente intolerantes no que concerne à violência doméstica contra a mulher. Basta de humilhações! Basta de grosserias! Basta de hostilidades! Nem em música cabe mais “um tapinha não dói”, porque, se até palavras machucam, o tapinha dói, sim, senhor! Para que os índices de violência contra a mulher caiam de forma mais agressiva, os agressores têm de ser tratados com rigor e rapidez, para que sirvam de exemplo profilático contra futuros atos de violência, seus e de outros. E, é claro, devem-se intensificar campanhas para a implantação de uma rede de proteção à mulher, envolvendo toda a sociedade, desde familiares até vizinhos, amigos e colegas de trabalho. Só assim, com tolerância zero e o

engajamento das pessoas, podemos vislumbrar uma sociedade da qual possamos nos orgulhar, uma sociedade que possa, meritoriamente, ser chamada de civilizada.

2º LUGAR

# REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA

*Isaac Pereira Viana*

A Literatura é um ótimo instrumento para melhor compreensão do ser humano e do mundo que o cerca. Consegue adentrar as mais diversas temáticas, por mais densas que sejam. Não seria diferente com a temática da violência contra a mulher. Diversas obras literárias já versaram sobre esse tema, mas, particularmente, recentemente li duas que, cada qual à sua maneira, muito chamaram minha atenção sobre o assunto.

A primeira delas é *Lisbela e o Prisioneiro* (1964) do escritor pernambucano Osman Lins. É uma peça que se passa numa prisão situada no interior de Pernambuco. Leléu, artista circense e galanteador, encontra-se preso após deflorar várias mulheres. No entanto, esperto como o era, sua condição de presidiário não o impede de conquistar Lisbela, filha do tenente Guedes e noiva do doutor Noêmio.

Apaixonada pelo prisioneiro, a jovem está disposta a fazer de tudo para ajudá-lo a fugir da prisão e com ele ir embora. Ao mesmo tempo, Leléu está jurado de morte por Frederico Evandro, assassino de aluguel e irmão de Inaura, moça que foi por Leléu deflorada. No entanto, esse mesmo assassino de aluguel deve sua vida ao prisioneiro, visto que foi por ele salvo de um touro valente que o mataria não fosse pela intervenção do deflorador de sua irmã.

É em meio a toda essa confusão e a personagens os mais peculiares, como outros presos e também policiais, que, dentre

outros aspectos, Osman Lins tece uma crítica ao autoritarismo presente no nordeste brasileiro, principalmente impetrado por figuras masculinas que, por trás de tanta macheza e virilidade, escondem suas inseguranças e corrupções de caráter.

Não é à toa que Lisbela, fugindo ao autoritarismo do pai e do noivo, decide abandonar sua zona de segurança e arriscar uma vida livre ao lado de um homem que, embora contra a lei, parece ser autêntico em relação ao que sente por ela, em detrimento da imagem de macho alfa que tem por obrigação social subjugar a mulher e, assim, dar mais uma prova de sua masculinidade.

Nesse sentido, parece-me que Osman Lins propõe uma inversão de papéis, onde é o prisioneiro quem está livre dessas nocivas amarras sociais, enquanto os homens de bem, livres de amarras físicas, estão presos por amarras morais, antagônicas à liberdade de ser em autenticidade e de sentir sem escrúpulos.

74

A segunda obra trata-se de *O Papel de Parede Amarelo* (1892), da escritora americana Charlotte Perkins Gilman, que narra a história de uma mulher que está padecendo de algum mal emocional – aparentemente, depressão.

Seu marido, médico renomado, a leva para uma casa de campo, onde espera que, afastada da sociedade e respirando ar puro, se cure desse mal, que, de acordo com ele, não é grave. Palavra de especialista. O irmão, também médico renomado, pensa o mesmo. Ora, quem seria ela para pensar diferente – embora sentisse diferente?!

Não querendo entrar em choque com o marido/especialista, a mulher decide se resignar e aceitar o tratamento. Na frente do marido, não pode demonstrar fraqueza, afinal de contas ele é tão amável, preocupado e bom no que faz que não seria justo da parte

dela não demonstrar que está melhorando. Mas não está.

Na casa de campo, no quarto onde está alocada, também apenas pela vontade do marido, há um papel de parede amarelo, cheio de formas indefinidas e estranhas, que a incomoda. Ela tenta decifrá-lo, mas em vão. No entanto, tentar decifrar aquele papel de parede passa a ser sua única rota de fuga dentro da rotina que o marido, amavelmente, lhe impõe. De algum modo, o papel de parede amarelo e ela têm alguma ligação. É o que ela descobrirá ao longo da obra.

O conto é uma clara crítica social às condições às quais as mulheres do século XIX eram submetidas. Sob a tutela dos maridos e/ou outras figuras masculinas, as mulheres eram reduzidas a funções sociais preestabelecidas, não raramente contrárias à sua vontade.

A opressão sobre a mulher nem sempre é explícita. Pode vir sob a forma de preocupação, cuidado, função social, autoridade científica, etc. A fonte da opressão sequer precisa se saber como tal. Esse parece ser o mote do conto.

Gilman foi uma importante ativista, em função dos direitos das mulheres, entre o final do século XIX e o início do XX. O Papel de Parede Amarelo, em parte, é uma obra autobiográfica, visto que a autora também sofreu de depressão, que atribuía, sobretudo, a uma série de padrões sociais estabelecidos para a relação marido-mulher.

Essas duas grandes obras da Literatura – uma, do final do século XIX; a outra, da segunda metade do século XX – demonstram a capacidade das obras literárias de retratarem tão antiga e, infelizmente, ainda tão atual mazela social, a opressão contra as mulheres, que pode acontecer das mais diferentes formas, desde

as mais explícitas, como a presente em Lisbela e o Prisioneiro, a partir do machismo que tem como subterfúgio “a moral e os bons costumes” de um povo, até as mais veladas, como o conto O Papel de Parede Amarelo demonstra, a partir de discursos de autoridade que infantilizam a figura feminina, fazendo dela mero receptáculo da vontade masculina, que se pretende superior.

3º LUGAR

# DONA FRANCISCA

*Bruno Antônio Barros Santos*

Fui comer com minha família num elegante restaurante imperial. Quando estacionei o carro na rua, uma mulher me abordou. “Aí, meu patrão, pode deixar que é ficha”, ela falou. “Pode crer, minha querida! Tranquilo!”, respondi, apertando o botão da chave que trava as portas do carro. Não satisfeito, eu ainda puxei a maçaneta, várias vezes seguidas, para verificar se, de fato, o carro estava fechado.

Ela perguntou se eu conhecia a cidade de Alcântara. De supetão, passou a falar detalhes históricos de Alcântara e de São Luís. Ela sorria, afirmando que era conhecida como guia turística de improviso. Escutei atentamente. E fiquei curioso para saber mais sobre Dona Francisca, uma senhora de quase cinquenta anos.

Negra, magra e muito politizada. Vive em união estável com o companheiro Ismael há 25 anos. O casal tem um filho que mora em outro estado. Durante a pandemia, ela passou por vários momentos de fome. Nas vicissitudes da vida, ela não foi premiada no que Frei Betto chama de “loteria biológica”. Dona Francisca vigia carro no Centro Histórico de São Luís, numa rua perto de um palácio oficial.

Toda vez que eu ia ao restaurante, ela estava lá. Na quinta vez, Dona Francisca veio falar comigo com o olho esquerdo inchado. Perguntei o que havia acontecido. Ela disse que amava Ismael, mas já sofria agressão física dele há muitos anos. Nas inúmeras vezes que chegava embriagado em casa, ele forçava a relação sexual, sem camisinha. Certa vez, ela quase morreu por causa de um aborto clandestino feito em condições precárias. Ismael foi

preso três vezes, mas ela acabava o perdoadando. Dona Francisca acreditava na mudança do companheiro.

O relato era de sofrimento, mas povoado de conscientização pessoal e social desse sofrimento. Ela falou que o dia menos dolorido da semana era o sábado. A ação social de uma igreja distribuía marmitas, à noite, na Praça Deodoro. Uma fila enorme de pessoas se formava. Para fugir da violência dentro de casa, Dona Francisca chegou a dormir, algumas vezes, ali mesmo na praça, em frente à portaria de um banco.

De repente, franzindo a testa, ela mudou o semblante. Começou a me falar de ódio, de sentir muito ódio. Disse que, várias vezes, precisou ir ao lixão em busca de comida, num local em que se podia chegar perto dos urubus e eles não se assustavam.

Mas o sentimento de ódio a incomodava, pois, antes da pandemia, frequentava a igreja e tinha aprendido mais sobre o amor. Eu não a interrompi. Lembrei-me da alteridade, de Levinas, do “outro”, da “metáfora do rosto”. Aquele rosto me inundava, provocava um “desapossamento” de mim mesmo. Era uma experiência concreta do “outro” banhando o “mesmo”.

No final da conversa, ela me contou que amor e ódio se confundiam nos seus sentimentos em relação ao companheiro, e, para acabar com isso, já sentiu vontade de matar Ismael. Porém, ela tinha ódio de sentir ódio. Eu fiquei sem reação. Dona Francisca disse adeus, citando uma passagem bíblica inteira: “Mas eu digo a vocês que estão me ouvindo: Amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam, abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam.” (Lucas 6:27-28).

Nasci homem. Não tenho a dimensão objetiva e subjetiva do que seja sofrer violência doméstica e familiar. Fico reticente

em escrever sobre o assunto. Mas não é que eu não possa falar sobre isso. Djamila Ribeiro diz que lugar de fala não é lugar de silenciamento. Lugar de fala é falar de lugares sociais, é questionar o sistema que silencia pessoas invisibilizadas. Djamila conclui que lugar de fala tem a ver com “de onde se fala”: todo mundo tem lugar de fala, porque todo mundo está localizado socialmente.

Eu me despedi de Dona Francisca e a ajudei com alguma quantia, sem aperto de mão, sem abraço, mas apenas expressando sentimentos pelos olhos, de máscara. A pandemia aguçou e potencializou o medo físico do “outro”. Estava desacostumado, era preciso reaprender a abraçar, a apertar a mão.

Quando cheguei em casa, fiquei pensativo antes de dormir. Talvez por uma visão moralista ou por uma colonialidade da vergonha, achava feio odiar. Mas, no fundo, eu também odiava. Meus amigos me diziam isso, porém eu não aceitava. É natural odiar. Não é discurso de ódio. É ódio catártico. Na pandemia, odiar é um sinal de vitalidade, é um catalisador. Mulheres em situação de violência doméstica e familiar. É muito difícil sentir leveza vivenciando tantas experiências que nos traumatizam e nos esgotam enquanto seres humanos.

Fiquei pensando se a ilusão de não ter ódio não seria um combustível de passividade, de manutenção do status quo e de legitimação e naturalização de absurdos? O ódio, até certo ponto, seria uma manifestação mais agudizada de uma indignação. Mas como aferir esse ponto? Qual o limite do ódio?

O psicanalista Christian Dunker, no livro Reinvenção da intimidade, numa abordagem da “função transformativa do ódio” (o ódio a serviço de um processo transformativo), analisa que o ódio é um afeto muito importante e não podemos vê-lo somente na

perspectiva de sentimento social intolerável. E nem que nós nos devemos ver livres desse afeto. Ele pontua que “a cólera, assim como a indignação e o respeito são sentimentos que modulam nosso ódio, substituindo sua orientação destrutiva por ideais simbólicos de regulação social.”. É o ódio como afeto necessário e transformador.

Millôr Fernandes teria dito que “você pode desconfiar de uma admiração, mas não de um ódio. O ódio é sempre sincero.”. E, invertendo a linda canção de Legião Urbana, que diz “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”, é preciso odiar as desgraças (a violência doméstica e familiar, a fome) como se houvesse amanhã (impedir a morte).

Toda vez que eu retorno ao restaurante e vejo Dona Francisca, surgem mais equações sem respostas. Por que Dona Francisca não rompe com esse ciclo de violência? Por que o Estado tem dificuldade em coibir essa violência e em promover políticas públicas reais que transformem essa realidade? Não há respostas simples para problemas complexos. Dona Francisca é o retrato de um Brasil que sofre invisibilizado, e dentro de vários Brasis que promovem a indiferença e o silêncio. Qual é o lugar de fala de Dona Francisca? Qual é o meu lugar de fala? Qual é o seu lugar de fala?

# **SOBRE AS(OS) AUTORAS(ES)**

## **ADULTAS(OS)**

### **Andressa Fontinele Lopes Rodrigues**

Andressa Fontinele Lopes Rodrigues é ludovicense, filha de Betânia Fontinele e Emanuel Faria de Mello e casada com Otton Rodrigues. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Maranhão e atualmente trabalha no Poder Judiciário Maranhense. Filha de bibliotecária e nascida em uma família de bibliófilos, bibliotecas e muitos livros fizeram parte do seu dia a dia desde muito cedo. O concurso literário Maria Firmina dos Reis foi sua primeira experiência na escrita de contos e partiu da utópica intenção de dar outro destino, mais digno e humano para a história de uma mulher que cruzou o seu caminho de vida. A escrita, que não se prende aos limites do possível, revelou-se, então, como a poção eficaz para transformação de uma tragédia real em fábula. A literatura, esta ferramenta de libertação e de crítica, é uma rota de inspiração para aqueles que, de alguma forma, querem contribuir para um mundo mais belo e justo, sobretudo para as mulheres deste país, tantas vezes vítimas dos horrores inacreditáveis da violência doméstica.

### **Adriana Beserra Silva**

Adriana Beserra Silva, é natural de São Luís-MA. Escritora, pesquisadora e professora, tem participação em várias antologias lançadas no Brasil. Autora da obra “POR TRÁS DO VÉU: O drama da violência conjugal” [Editora Itacaiúnas]. Coautora de “TODA LIDA -O Feminino entre Semelhanças e Incompletudes [Editora Penalux]. Graduada em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão –UFMA com Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –UESB.

É membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil-AJEB /Seccional MA. Possui experiência profissional como Professora de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão –IFMA. Tem experiência em pesquisa na área de gênero com ênfase em violência doméstica na esfera conjugal. Com um estilo marcante e envolvente a sua escrita é uma denúncia por abordar temáticas sérias como a questão da violência contra as mulheres em meio a textos poéticos que expressam as vozes de tantas mulheres. Amante da Filosofia e das Letras que mergulhou no universo da literatura para, em poemas e versos, expressar seus sentimentos, angústias, seus protestos e sua essência.

## **Ana Cimália dos Santos Dias**

Chamo-me Ana Cimália dos Santos Dias, ludovicense, nascida no dia 14 de janeiro de 1976; sou a primeira filha de Antônio José Costa Dias e de Maria da Conceição dos Santos Dias; esposa de Raimundo Francisco Rosa Figueiredo e mãe do Antônio José Neto.

Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Faculdade FAMA; com Pós-graduação em Gestão Escolar e atualmente, professora contratada pela Rede Estadual do Maranhão.

Fora durante a graduação, que comprovei como é formidável escrever. A cada aula mais me encantava o poder das palavras e a potência de um texto. Esse legado acadêmico, somado às verossimilhanças, ao olhar crítico, à violência retratada pelas estatísticas e, claro, a inspiração vinda de Deus que me instigaram até aqui.

A partir do poema “Amar?” desejo suscitar em todas as mulheres e; principalmente nas que têm suas vidas profanadas; ânimo. De forma que os versos despertem-nas a Fênix e transforme os momentos de cinzas em confiança por dias melhores. Amém!!

## **Bruno Antônio Barros Santos**

Natural de São Luís/MA, nasci em 03/01/1985. Sou Defensor Público do Estado do Maranhão e mestrando em Direito Constitucional pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em especial, duas mulheres me inspiram na escrita: minha mãe, Maria do Amparo Gomes Barros (Professora aposentada da UFMA e Assistente Social), e minha companheira de vida, Aldenora Resende dos Santos Neta (Professora do Colun/UFMA, Escritora e Poeta). Minha paixão pela escrita vem do incômodo resultante do atrito com a realidade, sobretudo em relação às minorias e aos grupos vulneráveis, embora meu lugar de fala seja outro. É na alteridade que muitos espelhos egolátricos e narcísicos são quebrados. Nesse aspecto, a escrita pode ser um lugar de desconstrução gradual e lenta de toda a carga patriarcal que um homem carrega em sua masculinidade tóxica. Daí a importância fundamental do Concurso Literário Maria Firmina dos Reis.

## **Isaac Pereira Viana**

Nascido a 03 de fevereiro de 1990, Isaac Pereira Viana é natural de São Luís – MA. Filho do casal de pastores evangélicos Elizamar Pereira e Domingos Viana, iniciou seu interesse pela Literatura ainda na infância a partir da leitura de obras com temáticas religiosas. No entanto, já na adolescência, ao ter seu primeiro contato com a Literatura Brasileira, enquanto cursava o ensino médio no Liceu Maranhense, esse interesse começou a se expandir para outras temáticas. Foi apenas durante a graduação, no curso de Psicologia, na Universidade CEUMA, que o autor, de modo extracurricular, realmente aprofundou seus conhecimentos literários. A partir da leitura de autores de profundo arcabouço psicológico, destacando-se, dentre eles, o russo Dostoiévski, contemplou a possibilidade de profícuo diálogo entre a Psicologia e a Literatura, e, desde então, tem se debruçado na arte literária ao mesmo tempo em que exerce a Psicologia como ciência e profissão. Mestre em Cultura e Socie-

dade pela UFMA, é autor da obra *Breves Reflexões em Literatura* (2021) e possui contos publicados em antologias. Acredita no poder da Literatura como instrumento de transformação do indivíduo e da sociedade. Espera que a crônica publicada na presente coletânea seja voz que reverbere contundentemente contra a, sempre inoportuna e covarde, violência doméstica e familiar.

## **Jáder Cavalcante de Araújo**

O Professor Jáder Cavalcante de Araújo é maranhense da cidade de Coroatá, de onde saiu aos quatro anos para morar na capital do estado. Aos quinze, iniciou sua carreira profissional, sempre ligado às Letras. Nos primeiros anos como professor, lecionou inglês em escolas e cursos especializados. Posteriormente, já na faculdade de Letras, iniciou-se no ensino de produção textual e da Língua Portuguesa, o que acabou por lhe exigir dedicação plena para a língua vernácula. Há mais de duas décadas, vem ministrando cursos na área de língua portuguesa e redação, o que o incentivou a escrever e publicar livros dessa área, e seu debut na ficção ocorreu em 2019. Além de professor, é consultor e revisor de textos. É servidor concursado da UFMA e trabalha na Diretoria de Comunicação como revisor de textos.

Obras do professor Jáder: *Você pode (e deve) escrever melhor*; *Desvendando a nova ortografia*; *De Olho no Português*; *Linguagem do Sucesso*; *Decadência humana (ficção)*; *Você se garante no português?*; *Não vou virar ESTATÍSTICA (ficção)*; *Coroneurose (ficção)*; *Quem tudo quer...* (ficção infantil); *Segunda do Português*; *Ouro de tolo (ficção)*

## **Pedro Oliveira Dutra Neto**

Pedro Neto é professor de Geografia e se dedica com paixão à produção textual, tendo escrito livros, como *Recados ao tempo em folhas de vento*, *Dourando pílulas*, *Cronycontos*, *A saga de Pindorama*, *Geohistória do Maranhão*, *100 contos minúsculos de amor*,

entre outros. Venceu o Prêmio Amei 2020 e 2021 de literatura, nas categorias Infantojuvenil e Suspense, respectivamente. É membro da Academia Arariense de Letras, Artes e Ciências, da Academia Luminense de Letras, da Academia Maranhense de Trovas, do Instituto Histórico e Geográfico de Arari e da União Brasileira de Escritores, secção do Maranhão.

## **Verônica Alves Malheiros Dias**

Nascida em São Luís, em 22 de dezembro de 1980, é, além de servidora do Ministério Público do Trabalho, mãe, esposa, filha e irmã. Escreve desde os 25 anos, mas sem nenhuma publicação. Entretanto está se preparando para o lançamento de seu primeiro romance, *A Revolta dos Livros*, pela Drago Editorial.

Passou a infância em Morros-MA, ao lado de seus pais e seus sete irmãos. Foi professora e pretende retornar em algum momento ao ofício. Gosta de ler fantasias, contos, crônicas, gibis, brincar em parques de diversões e ama a comida maranhense, principalmente a caranguejada que seu esposo prepara.

Para o conto *Camisola de Algodão*, inspirou-se nas notícias em rede nacional. Ser finalista no concurso literário foi de grande importância para o início de sua jornada como escritora, mas a maior consideração é saber que o tema violência doméstica e familiar está sendo discutido e levado a sério pelas autoridades. O assunto é uma questão grave, recorrente e inaceitável, e todos deviam assumir o compromisso de não convivência com o problema.

## **Wanda Cristina da Cunha e Silva**

WANDA CRISTINA DA CUNHA e Silva nasceu em São Luís/MA, em 05.06.1959. Filha do professor, escritor e jornalista Carlos Cunha e da professora Plácida Cunha. Graduada em Comunicação – Jornalismo, pela UFMA e Letras pela UEMA. Especialista em Língua Portuguesa; Comunicação e Reportagem; pós-graduada em Teoria da

Literatura e Produção de Texto; Educação Musical e Ensino de Artes. Compositora, professora do estado e aposentada pelo TRT-MA. Estreou na Literatura aos 12 anos. Dez livros publicados. Destaca a admiração por Firmina, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Simone de Beauvoir... O combate à violência contra mulher é sua temática recorrente na Literatura e na Música. Vai publicar, ainda neste ano, pela Editora Brazil Publishing Autores e Editores Associados-Curitiba/PR, o seu romance RETALHOS, que trata do tema. Em parceria com sua irmã, falecida em 2021, Isabel Cunha, desenvolveu projetos com músicas, clipes e shows como Penha Nele! e A Fé no Amor virou feminicídio. É ativista cultural. Resgatou em 2021 a Academia Maranhense de Trovas. Pertence a várias outras entidades literárias. Já ganhou inúmeros prêmios na Literatura e na Música.

## **ADOLESCENTES**

### **Adrian Kaike Oliveira Araújo**

Adrian Kaike Oliveira Araújo nasceu em 22 de Junho de 2005. Desde criança amava criar histórias, usando seus brinquedos para produzir novelas, séries e filmes imaginários.

Atualmente, cursa o ensino médio no Liceu Maranhense. Durante a pandemia, escreveu um romance policial infantojuvenil, que está engavetado — não por muito tempo. Desde então, vem se dedicando a criar jornadas através da escrita. No início de 2022, venceu seu primeiro concurso literário. Logo, começou a procurar mais concursos para se inscrever, e acabou encontrando o II Concurso Literário Maria Firmina dos Reis. Algumas mulheres importantes para sua vida são sua mãe, Cris, sua avó, Ana Maria, e sua tia, Kátia. Suas obras refletem muito de suas próprias vivências, sendo essas três mulheres importantes para a construção de sua personalidade e perspectiva de vida.

## **Estela Beatriz Amaya Saraiva**

Estela Beariz Amaya Saraiva é uma adolescente de 14 anos e estudante do Colégio Militar Tiradentes.

Seu interesse pela escrita é desde pequena, onde sempre gostou de escrever diversos tipos de textos, redações, contos, histórias, e assim por diante. Ao longo do seu crescimento escolar, foi descobrindo e se dedicando a novas técnicas de escrita.

A vontade de escrever sobre a violência contra as mulheres sempre foi um desejo, um assunto muito interessante e importante de se debater na sociedade. Ao saber do concurso Literário Maria Firmina dos Reis logo despertou nela a vontade de participar, principalmente por nunca ter tido essa experiência.

A sua inspiração nesse assunto foi Maria da Penha, uma vítima que se tornou grande ativista dos direitos das mulheres mundialmente.

Outra inspiração foi em sua mãe, Adriana, que nunca teve tabus em esclarecer sobre os temas da vida e que a incentivou na escrita. Ela também se espelha nas avós, paterna e materna, mulheres fortes e corajosas.

## **Hellen Christi Nogueira Ferreira**

Hellen Ferreira nasceu em Mirinzal-MA, em 2005. Desde pequena estabeleceu contato com a leitura por influência de seus pais, Wedson e Luciana. Viveu em Guimarães até os 10 anos, quando se mudou para a capital, São Luís, ao ser aprovada em um processo seletivo para ingressar no Colégio Militar Tiradentes I. Foi na nova escola que começou a tomar gosto pela escrita e descobriu uma aptidão até então adormecida. No colégio participou de diversos

concursos de redação, chegando a ser bem classificada em alguns deles, como o 2º Lugar na Etapa Regional do concurso de Frase, da CANPAT 2019 — SRTb-MA, o que a motivou a continuar escrevendo e a aprimorar suas habilidades. A leitura e a escrita têm tomado um lugar cada vez mais importante em sua vida, uma vez que encontra neles “possibilidades”: possibilidade de viver em mundos diferentes, de enxergar pelo olhar do outro, de ser vários em um só; possibilidade de mostrar, através da escrita, a realidade de muitas mulheres que precisam ir contra o mundo da maneira como o conhecemos; possibilidade de reafirmar que não estamos sós na luta pelos direitos da mulher; possibilidade de mostrar que sim, o sol há de brilhar novamente após a chuva. Essa obra é dedicada a todas as Marias.

## **Evelyn Eduarda dos Santos Bezerra**

Registrado como Henry dos Santos Bezerra, nascido a 11 de outubro de 2004 em São Luís, filho de Carlos Henrique Gomes Bezerra e Elizângela Rodrigues dos Santos, nunca entendia o desconforto em torno de mim mesma. Foi então que aos 13 anos entrei em uma aventura a descobrir minha identidade, no qual tive que enfrentar obstáculos como a autorejeição, o preconceito e conflitos familiares, vendo meu pai trair minha mãe e minha tia apanhar do marido sem motivos.

Em meio a tudo isso descobri uma forma de me expressar. A escrita; a literatura; a dança, tudo que não fosse preciso falar eu amava e assim veio minha primeira paixão, a poesia. Tentando me encontrar, passei por altos e baixos, como minhas cicatrizes que só me lembram o quão forte eu tive que ser para não pôr um ponto final antes da experiência que é viver para si.

Hoje aos 17 anos escrevo por escapatória, escapo de pensamentos ansiosos ao ter que conciliar a faculdade de história e o término do

meu ensino médio, escapo de atitudes e falas transfóbicas que escuto todo dia, escapo de conflitos violentos que me rodeiam apenas por ser mulher. Meu nome é Evelyn Eduarda, mas pode me chamar de srta. Sophia.

## **Maylla Mayza Louzeiro Costa**

Maylla Mayza. Esse é o meu nome de batismo. Nasci no dia 03 de outubro de 2005 na maternidade Materno Infantil, em São Luís do Maranhão. Gosto de ler romance, porém, não tenho livros físicos. Gosto de desenhar e pretendo ser estilista ou médica veterinária. Passo a maior parte do tempo lendo e escutando músicas. No momento, estou estudando na UP-Dr. João Bacelar Portela, e faço curso de Soldagem.

Presencio essa situação de machismo em diversas situações dentro e fora de casa. Sobre a agressão contra mulher, já acompanhei o caso de familiar e até de vizinhos. Já quis escrever sobre a agressão contra mulheres para que, de alguma forma, as pessoas possam enxergar o quão sério isso é, e que, em vez de falarem que em “briga de marido e mulher não se mete a colher”, comecem a colocar a encarar o problema com muita seriedade e com olhar de quem busca justiça e fica indignado com essa situação, denunciando e ajudando essas mulheres. Esta está sendo a minha forma de demonstrar a minha indignação com a problemática: escrever pela primeira vez sobre um assunto tão corriqueiro na sociedade brasileira.

Muitas mulheres me inspiram, como por exemplo, Marielle Franco, que construía e movimentos feministas, negros e de favela. Melanie Adele Martinez –ou só Melanie Martinez –, uma cantora estadunidense que sempre traz críticas sociais em suas músicas e a própria Maria Firmina, que é considerada a primeira escritora negra do Brasil. Esta foi pioneira da Crítica Antiescravista. Essas mulheres são exemplo de luta por direitos da mulher.

## **Sophia Andrade de Souza**

Sophia Andrade de Souza nasceu em 23 de abril de 2008 e cresceu na cidade de São Luís, Maranhão. Seus pais são Lília Rachel e José de Jesus; possui duas irmãs, Andressa e Rebecca. Estuda no Colégio Militar Tiradentes-I. Em 2019, fez um curso de Artes Plásticas do Instituto Estadual do Maranhão (IEMA). Atualmente, ela faz parte do Programa de Iniciação Científica Jr. (PIC) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Quando pequena, desenvolveu a escrita muito antes de aprender a ler, devido a sua facilidade de reconhecer as letras e copiá-las legivelmente. Contudo, sua ambição pela escrita despertou de seu interesse por histórias do gênero fanfiction (narrativa ficcional escrita e divulgada por fãs). Sophia queria se expressar de maneira intensa e marcante. Lê e escreve como uma adolescente cuja inspiração é a música e momentos vividos ou imaginados. O tópico exaltado no poema é um assunto pertinente aos problemas de violência contra a mulher, não somente no Brasil, mas como também no mundo. Mulheres noticiadas que sofreram maus tratos em seus ambientes de convívio social favoreceram a obra. Para Sophia, a mulher é símbolo de perfeição, um crisântemo, em grego significa “flor de ouro”. Sua mãe a inspirou como uma mulher de caráter forte e amável.

## **Vivian Kauane Chagas Botelho**

Sou Vivian Kauane Chagas Botelho, tenho 17 anos, natural de São Bento -MA, O prazer que tenho pela leitura e escrita é fruto de uma relação de fuga, curiosidade e expressão. Especificamente comecei a ler muito cedo e ao perceber isso a minha mãe sempre trazia livros da escola em que ela trabalhava para mim e ficava horas viajando no mundo de faz de conta. A partir daí comecei a escrever e expressar os meus pensamentos nas folhas

de papel. Entre palavras e pensamentos, muitas vezes desconexos para muitos, comecei a encontrar o meu mundo na literatura. Foram anos de adaptações e aprendizagem até chegar até aqui, sempre colocando a minha essência no que escrevo.

## **Yan Victor Silva Machado**

Yan Machado, nascido e residente em São Luís(MA), tem 18 anos, é escritor e estudante de Psicologia e Antropologia. Um fato interessante é que já fui estagiário do TJMA enquanto estava no ensino médio, de 2019 a 2021. Não sei se é algo relevante a ser mencionado, fica a seu critério. Tenho o hábito da leitura desde pequeno, mas só comecei a escrever poesia de modo satisfatório(para mim) em 2021. A escrita para mim, como todas as demais formas de arte, é expressão, liberação de um pedaço de si no mundo, um pedaço que pode crescer como uma semente dentro de outras pessoas e se tornar algo completamente diferente do imaginado. A capacidade de transformar a si, o mundo e o outro através da arte é para mim uma das mais incríveis habilidades humanas.

# **SOBRE OS MEMBROS DA COMISSÃO JULGADORA**

II CONCURSO LITERÁRIO MARIA FIRMINA DOS REIS

## **Cleones Carvalho Cunha**

Cleones Carvalho Cunha, nascido em 10 de fevereiro de 1958, na cidade de Tuntum, Estado do Maranhão, graduou-se bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão, em 1981. É desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão e presidente da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar.

Foi professor do Colégio Santa Teresa, em São Luís (MA); sub-diretor-geral da Secretaria do Tribunal de Justiça do Maranhão; chefe de gabinete da Presidência da Corte e diretor da Corregedoria Geral da Justiça. Aprovado em primeiro lugar em concurso do Ministério Público Estadual, foi promotor de Justiça da Comarca de Pindaré-Mirim, entre os anos de 1983 e 1984. Igualmente, logrou os primeiros lugares nos concursos para professor da Universidade Federal do Maranhão, em 1985 e, no ano seguinte, para o cargo de Juiz de Direito.

Na magistratura, exerceu suas funções judicantes nas Comarcas de Vitorino Freire, São Bento, Coroatá e São Luís. Na capital, foi assessor da Presidência e membro do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão. Naquela Corte Eleitoral, foi corregedor regional Eleitoral, no período de 1993 a 1997. Em 1998, assumiu as funções de juiz-corregedor da Corregedoria Geral da Justiça. Foi promovido por merecimento, para o cargo de desembargador em 10 de novembro de 1999.

É bacharel em Teologia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA)/ Faculdade Católica do Maranhão e Mestre em Direito Canônico pelo IPDC-RJ/Pontifícia Universidade Gregoriana e membro da Sociedade Brasileira de Canonistas e da Associação Portuguesa de Canonistas. É membro da Academia Maranhense de Letras Jurídicas (Cadeira 38), do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (Cadeira nº 25), da Academia Ludovicense de Letras (Cadeira 07) e da Academia Notarial e Registral do Maranhão (Cadeira 03).

Foi diretor da Escola Superior da Magistratura do Maranhão (2005/2009) por dois biênios e Corregedor-Geral da Justiça no biênio 2012/2013. Exerceu, no Tribunal de Justiça do Maranhão, a função de supervisor-geral dos Juizados Especiais. Foi Vice-Presidente e Presidente do Colégio de Presidentes dos Tribunais Regionais Eleitorais; Vice-Presidente do Colégio de Corregedores Eleitorais do Brasil; e Vice-Presidente da Região Nordeste do Conselho dos Tribunais de Justiça. Foi Juiz Auxiliar para Região Nordeste da Corregedoria Nacional de Justiça.

Doutorando em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense, foi Presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão (biênio 2016/2017). Foi Vice-Presidente e Corregedor do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão (biênio (2018/2019) e Presidente da Corte Eleitoral do Maranhão (biênio 2019/2020). Em 2018, foi homenageado com título de Doutor Honoris Causa em Direito pela Universidade norte-americana Emill Brunner.

## **Dilercy Aragão Adler**

Nasceu no Maranhão/Brasil, em 07/07/1950. É Psicóloga, Doutora em Ciências Pedagógicas, Mestre em Educação, Especialização em Sociologia e Especialização em Metodologia da Pesquisa em Psicologia. Publicou 17 livros (poesia, acadêmico, biográfico e história infantil) e organizou 12 Antologias.

É Membro Fundador e Presidente (Biênio 2016-2017) da Academia Ludovicense de Letras –ALL, ocupa a cadeira de nº 08 patronada por Maria Firmina dos Reis, Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão –IHGM, Presidente da Sociedade de Cultura Latina do Brasil.-SCLB, Membro efetivo do Pen Clube do Brasil, Délégue Presidente do Institut Brésil-Suísse do São Luís do Maranhão e 2ª Diretora Cultural da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil-Coordenadoria Maranhão, dentre outras Academias e instituições culturais.

### **Júlio César Lima Praseres**

Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Estado do Maranhão-UFMA (1987). Atualmente é Magistrado do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão, titular do 1º Juizado Especial Cível e Criminal de São José de Ribamar e Juiz Assessor da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão –CEMULHER/TJMA.

